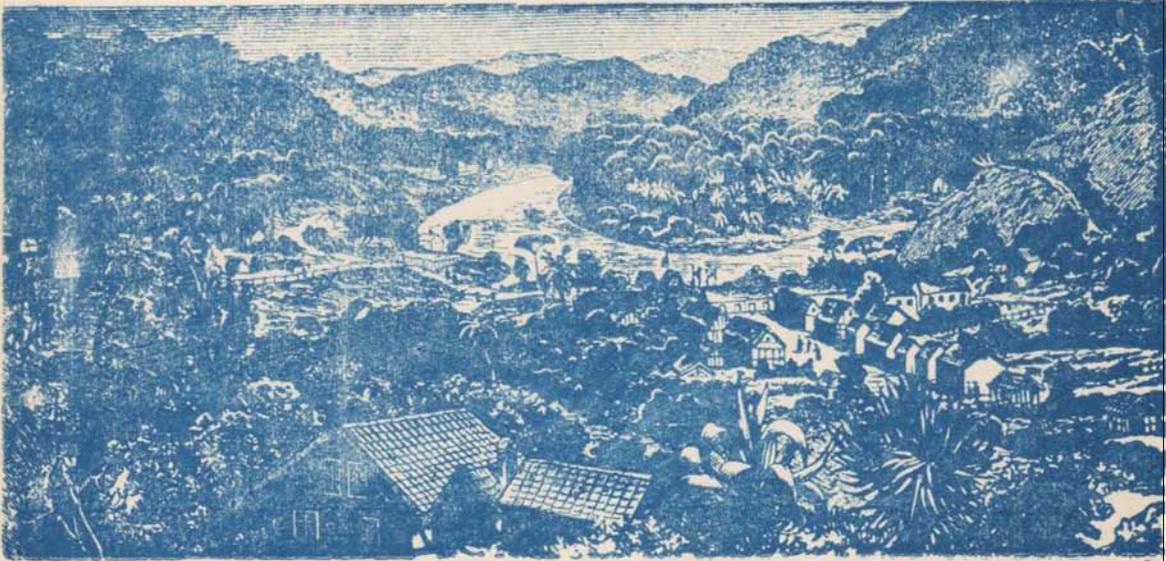


*Da Herta*

# BLUMENAU

em Cadernos



TOMO V — Junho/Outubro de 1962 — N.º 6/10

Fábrica de Tecidos  
Carlos Renaux S. A.  
BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL  
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE  
CÓRES FIRMES E  
ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÓRTO ALEGRE E BLUMENAU  
REPRESENTANTES EM  
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR  
BELO HORIZONTE — FORTALEZA  
MACEIÓ

TENENTE-CORONEL HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

**BLUMENAU**  
**NA HISTÓRIA MILITAR**  
**BRASILEIRA**

“BLUMENAU EM CADERNOS”

Junho/outubro, 1962

TENENTE-CORONEL HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

(Do Colégio de Armas e Consulta Heráldica. Dos Institutos Histórico e Geográfico do Pará, de São Paulo e do Rio Grande do Sul; do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Hans Staden, de São Paulo)

BLUMENAU NA HISTÓRIA MILITAR BRASILEIRA

*Aos "Catarinas" da 1.<sup>a</sup> Região Militar, continuadores vivos da tradição brasileira de seus antepassados de Blumenau, que combateram e morreram como "Voluntários da Pátria", no Paraguai e como "Pracinhas", na Itália.*

# BLUMENAU

## NA HISTÓRIA MILITAR BRASILEIRA

A tradição guerreira catarinense e os fundadores de Blumenau — A Guerra do Paraguai — Os Voluntários da Pátria de Blumenau — O Diário do Capitão von Gilsa — A República e Lauro Müller — Blumenau como Capital provisória de Santa Catarina sob Hercílio Luz — O significado do Combate no Morro do Aipim — A Revolução Federalista — A Campanha do Contestado — As duas Guerras Mundiais — Os pracinhas de Blumenau na Itália.

A tradição militar do atual Estado e antiga Província de Santa Catarina no que diz respeito à cooperação de seus povoadores e descendentes destes, estabelecidos efetivamente entre a fundação de São Francisco do Sul pouco antes de 1649 e a de Laguna em 1684, emana diretamente daquele ciclo de lutas pela posse das atuais fronteiras do Brasil, face aos antigos domínios castelhanos no Prata. Nascido da secular controvérsia territorial entre Portugal e Espanha, Santa Catarina teve que sofrer tôdas as vicissitudes e arcar com todos os sacrifícios oriundos daquelas lutas e com as quais se consolidou a posse do atual Rio Grande do Sul, cujos primeiros e efetivos povoadores saíram de Laguna, a partir de 1715 atingindo a barra do Rio Grande e a região de Viamão e da atual capital gaúcha. Daí também os grandes sacrifícios impostos aos participantes do grande surto colonizador açoriano, iniciado desde 1748 em tôrno de Desterro, atual Florianópolis. Foram estes casais trazidos das Ilhas de Açores que mais sofreram com a atitude pouco digna dos chefes militares e administrativos portugueses que em 1777 entregaram sem um tiro sequer a Ilha de Santa Catarina ao desembarque catelhano de Ceballos, assinando mesmo aí uma vergonhosa rendição incondicional ante as imposições do feliz e surpreendente vencedor. Esta atitude exasperara já então aos milicianos catarinenses incorporados às forças portuguesas aí concentradas, levando-os à deserção em massa para o Rio Grande do Sul, juntando-se aos seus companheiros mais felizes daí. Sabiam que no Rio Grande do Sul encontrava-se um chefe militar mais combativo e eficiente, o Tenente-General Boehm, auxiliar em Portugal e no Brasil do famoso Conde de Lippe e comandante-em-chefe do Exército Real Lu-

so-Brasileiro no Sul, que vinha de expulsar o castelhano invasor do Rio Grande e que entre os seus comandados se encontravam guerreiros e administradores de valor indiscutível, como o Governador José Marcelino de Figueiredo e Rafael Pinto Bandeira, o primeiro brasileiro promovido ao generalato nos tempos do Brasil Colonia.

Falta de recursos e abandono administrativo absoluto retardaram de muito o surto colonizador daquelas terras, agravadas ainda com o contínuo recrutamento de seus filhos que imortalizaram a tradição de suas glórias militares através dos feitos do famoso Regimento de Santa Catarina. Mais conhecido na História Militar do Brasil como "Regimento dos Barrigas Verdes", devido à cor do peitilho e das vestias ou coletes de seus uniformes, seus soldados se destacaram sobremodo nas guerras contra as investidas das hostes de Artigas sobre a linha demarcadora do rio Uruguai nas Missões Orientais brasileiras até 1820. Elementos esparsos participaram das lutas contra a República Argentina, de 1825 a 1828, na denominada Campanha da Cisplatina, e depois no decênio heróico da Guerra dos Farrapos, de 1835 a 1845, nesta tanto do lado dos imperiais, como dos farroupilhas ou republicanos. Também nas lutas de 1851 a 1852 contra o Ditador-Presidente argentino, o General Manuel Ortiz de Rózas (1793-1877), tanto no Uruguai como às portas de Buenos Aires, encontravam-se ilustres e destemidos filhos de Santa Catarina, cujo desenvolvimento acabara de receber futuroso impulso desde a fundação de um novo centro de povoamento, célula inicial da cidade de Blumenau, a pérola industrial e cultural catarinense dos nossos dias.

Desde 1846 achava-se no Brasil aquêla a quem caberia a glória de se tornar o fundador da futura cidade, à qual legaria o próprio nome, o jovem farmacêutico e Dr. phil. Hermann Blumenau (1819-1899), onde se decidira em 1843 pelas terras do vale do Itajaí-Guaçú, para o empreendimento que iniciaria em 2 de Setembro de 1850, com a chegada aí dos primeiros 17 colonos. Contava então Santa Catarina cerca de 100.000 habitantes, dos quais 16.000 escravos afros. Do baixo Itajaí até ao litoral apenas umas 350 pessoas habitavam a região, alguns descendentes dispersos dos antigos colonos açorianos do século anterior, enquanto que o restante do vale do mesmo rio só era percorrido pelos grupos nômades das tribos ameríndias aí existentes. Já em 1860 a colônia dispunha de cerca de 950 habitantes, cujos esforços inauditos ainda se agravavam com a atitude inamistosa dos mesmos indígenas, vulgarmente alcunhados de bugres, os quais seguidamente assaltavam as vivendas dos colonos, massacrando alguns, raptando-lhes mulheres e filhos, saqueando seus míseros haveres e matando o pouquíssimo gado de que dispunham para iniciar a vida na nova pátria. Estes choques sangrentos com os bugres avivavam-lhes o que ainda restava no seu íntimo das tradições guerreiras europeias do período napoleônico, de 1804 a 1815, preparando e fortificando sua radicação completa ao solo brasileiro, à pátria de seus filhos e netos. Uma lista incompleta, relativa ao período de 1852 a 1914, cita 61 assaltos de bugres, nos quais foram mortos 41 colonos e feridos gravemente outros 225!

Já então, de 1862 a 1864, negras nuvens se acumulavam de maneira traiçoeira e ameaçadora sobre as nossas fronteiras no Sul, obrigando, mais uma vez, o governo imperial brasileiro a intervir na vizinha República Oriental do Uruguai para salvaguardar a nossa honra e atender aos anseios da própria população sã do país vizinho, oprimida pelo caudilhismo de um governo intrigante e despótico. Na campanha que se seguiu, no Uruguai e contra o governo de Montevideo, destacaram-se vultos catarinenses de valor, como os depois Brigadeiros Jacinto Machado Bittencourt (1806-1869) e Carlos Rosin Filho (1831-1891). Seguiu-se a agressão brutal que o Império do Brasil sofreu em 1º de Novembro de 1864 da parte do Ditador-Presidente da República do Paraguai, o General Francisco Solano López (1827-1870), que abrira a guerra de agressão contra nós ao apresar, em plena paz, o navio brasileiro "Marquês de Olinda", tratando os seus passageiros e sua guarnição como prisioneiros e apossando-se do navio e de toda a sua carga.

O Ditador-Presidente do Paraguai deixara-se enlevar pela idéia de uma expansão territorial e política à custa de territórios litigiosos com o Brasil e a Argentina e de um pouco mais. Deixára-se, principalmente, arrastar pelas intrigas internacionais que vinham sendo tecidas pelo governo impopular de Mon-

tevidéo desde 1862, que sempre procurára apresentar, tanto o Império do Brasil como a República Argentina, como inimigos natos da existência livre do Uruguai e do Paraguai, aos quais andariam desejando partilhar entre si e anexa-los aos próprios territórios! Despenhando-se, assim, pelo plano inclinado dos acontecimentos, López não poderia mais auxiliar aos governantes de Montevideo, cujos dias estavam já contados então, mas iria provocar o mais sangrento e longo conflito continental sul-americano, conhecido como Guerra do Paraguai e que prolongar-se-ia até a morte do próprio López, até 1.º de Março de 1870, no combate de Cerro-Corá!

Aquêle ato brutal, seguido da invasão de Mato Grosso, onde López pretendia alagar suas fronteiras, apossando-se daquela rica provincia imperial brasileira para reparar, o que os paraguaios da época julgavam um erro isto é, o de haverem os seus antepassados permitido o estabelecimento ai dos portugueses e seus descendentes brasileiros, despertou geral clamor no Brasil inteiro e o governo imperial esforçou-se logo em corrigir falhas anteriores, existentes na organização militar brasileira. Não tendo idéias imperialistas e nem planejando atos de agressão ou de expansão sôbre territórios das nações irmãs na América do Sul, o Império do Brasil, mal dispunha então de um exército para atender à nossa fronteira sulina mais turbulenta, a do Uruguai. Quanto ao Paraguai, este há muito vinha se armando e preparando para uma guerra contra o Brasil e a Argentina. Assim, ao terem início as hostilidades, tinha o Paraguai cerca de 64.000 homens em armas, severamente instruídos e com uma reserva de cerca de 28.000 veteranos, sôbre uma população total de cerca de 1.000.000 de habitantes. Quanto ao Império do Brasil, o efetivo orçamento real de seu Exército fôra previsto em 1864 em 18 320 homens, para uma população total de cerca de 9.000.000 habitantes. Não existia entre nós o serviço militar obrigatório e o Exército compreendia, assim, o de linha e a Guarda Nacional. Seu recrutamento era feito exclusivamente pelo voluntariado. Sômente nos casos de insuficiência deveriam ser sorteados os alistados na Guarda Nacional de 18 a 35 anos de idade. Quanto à Guarda Nacional, sua organização era municipal e seus corpos formados pelos chefes políticos locais. O efetivo teórico desta Guarda Nacional era então calculado em 440.000 homens!...

No entanto, foi com estes elementos da Guarda Nacional, convocados parcialmente, que o governo imperial pôde acudir às primeiras necessidades da campanha, principalmente no Rio Grande do Sul. Acudira-lhe, felizmente, aproveitar o entusiasmo que a defesa do solo pátrio havia despertado com a agressão paraguaia sôbre o Mato Grosso e publicar em 7 de Janeiro de 1865, o decreto desta mesma data e de n.º 3.371, criando os Corpos de Voluntários da Pátria formados por todos aquêles que no Brasil se apresentassem espontaneamente para servir nas fileiras do exército durante todo o período da guerra que se iniciava. Segundo o artigo 1.º dêste decreto, poderiam alistar-se cidadãos maiores de 18 anos e menores de 50 anos, concedidas aos voluntários, que não fôsem guardas nacionais, segundo o artigo 2.º, como vantagens, além do sôlido que percebessem os voluntários do Exército de linha, mais 300 rs. diários e a gratificação de cerca de 300\$000 quando dessem baixa do serviço, além de terras de 22.500 braças quadradas nas colonias militares ou agricolas existentes então. Graças a este esforço e à cooperação patriótica de seu povo, o Império do Brasil pôde levar ao Paraguai cerca de 130.000 homens do Exército, que somados aos 8.800 da marinha, perfazia um total de cerca de 139.000, isto é, cerca de 1,5% de sua população total que era de 9.000.000!

Santa Catarina ocupou desde logo um lugar de destaque quanto ao voluntariado apresentado para a defesa da dignidade nacional, pois concorreu com um total de 1.537 homens, dos quais 969 voluntários da pátria, 264 guardas nacionais designados, 180 voluntários e recrutas, 99 substitutos, 1 liberto por particular e 24 substitutos libertos. Com sua população de cerca de 160.000 habitantes apresenta Santa Catarina um índice mobilizado apenas igualado ou superado então pelos do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Pará, Piauí, Maranhão, Bahia, Espirito Santo, Amazonas e Paraná.

A mocidade catarinense começou desde logo a convergir para a Capital, onde passaria a preencher os claros dos batalhões que partiam para os inhóspitos campos de Corrientes, onde estava sendo reunido o Exército Aliado de argentinos, brasileiros e uruguaios para a luta. O primeiro moço catarinense

que se apresentou foi Fernando Gomes Caldeira de Andrade que marchou logo com o primeiro Corpo de Voluntários da Pátria formado, o Batalhão de Depósito com 300 soldados, seguidos de outros 200 guardas nacionais. Outro Corpo de Voluntários da Pátria, o 25.º Batalhão, foi constituído depois em Destêrro, reunindo contingentes catarinenses e paranaenses. Foram as moças de Destêrro, que bordaram uma linda bandeira para o mesmo e a ofertaram solenemente. Esta bandeira acha-se depositada na Municipalidade da Capital catarinense, como tributo de honra e saudade. Outro Corpo de Voluntários, ainda, o 9.º Batalhão, foi reunido aí e não poucos de seus componentes eram naturais daquele Estado, então Província, pequeno em território e fracamente povoado, mas cujos filhos souberam contribuir com galhardia e entusiasmo para a vitória naquela árdua e difícil campanha.

Em sua pequena "História de Santa Catarina", de 1919, assim se referiu o seu autor, e Comandante Lucas Alexandre Boiteux, às paginas 164 e 165, a este grande esforço:

"Se fôramos contar, embora em traços fugazes, tôdas as ações heroicas praticadas pelos nossos patrícios durante os cinco longos e cruentos anos de Guerra do Paraguai, teríamos necessidade de um grosso volume. Quem percorrer a história dessa porfiada campanha há de encontrar sempre um catarinense figurando desde o comando supremo do exército, Marechal Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, Visconde de Santa Tereza (1802-1879) e Marechal de Campo Guilherme Xavier de Souza (1818-1870), ou da marinha, Almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim, Barão de Iguatemi (1822-1883), nos combates navais e terrestres, nas batalhas porfiadas, nas cargas, nos reconhecimentos. Quem falar em Riachuelo não esquecerá um Tenente Alvaro Augusto de Carvalho e um Pestana; em 24 de Maio, um Marechal Guilherme Xavier de Souza; em Itororó, um Coronel Fernando Machado de Souza (1822-1868); em Curuzú, um Tenente Silveira; em Lomas Valentinas, um Brigadeiro Jacinto Machado Bittencourt; em Boquerón, um Coronel Manoel José Machado da Costa Júnior (1823-1866); e assim em todos os feitos gloriosos dessa memorável campanha".

E, continúa:

Também "um pugilo nobre e desinteressado de colonos alemães e suíços, amando este torrão como sua segunda pátria e berço extremoso de seus filhos, se congregou para a defesa da nossa bandeira. Partiram os bravos descendentes de Arminio e de Guilherme Tell e, nas planícies paraguaias, muitos dêles morreram herôicamente, legando aos descendentes nobilíssimo exemplo e fazendo-se dignos da nossa veneração".

Trata-se, principalmente, de colonos de Blumenau e de Joinville, os quais constituiram uma companhia do já referido 25.º Batalhão de Voluntários da Pátria, completado em Destêrro por contingentes provindos do Paraná, entre os quais não poucos colonos alemães e filhos destes nascidos no Brasil. A respeito dos de Blumenau o historiados José Ferreira da Silva, em seu livro "O Doutor Blumenau", de 1933, à página 101, assim escreveu:

"Quando estalou a guerra contra o Paraguai", também "a incipiente colônia alemã, atendendo ao apêlo do governo imperial, dirigido a todos os recantos da pátria ameaçada, mandou também para o campo da luta o seu contingente de homens, contingente apreciável já pelo número, como pelo valôr de seus componentes".

"Estes foram em número de 77, dos quais cinco oficiais: Capitão von Gilsa, Tenente Odebrecht, os dois Alferes von Seckendorf, Sametzki, e o Alferes-cirurgião Guilherme Friedenreich, que, na colonia, exercia as funções de médico, embora a sua profissão fosse a de veterinário prático".

"O município ainda está em dívida para com esses abengados alemães, alguns dos quais caíram no campo de batalha, na defesa da bandeira auri-verde".

Em seus "Apontamentos para a história da colonização de Blumenau (1850-1860)", tese apresentada pelo Dr. Paulo Malta Ferraz em 1948 ao Primeiro Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis e comemorando o 2.º Centenário da Colonização Açoriana, tese aprovada unanimemente, são estudados rapidamente antecedentes importantes da colônia até a passagem desta ao governo imperial brasileiro. Estes fatos são completados noutros aspectos pela tese do Dr. Max Tavares d'Amaral, Deputado Federal por Santa Cata-

rina, como "Contribuição à História da Colonização alemã no Vale do Itajaí", também aprovada como a anterior, ambas a serem incluídas assim nos Anais do referido Congresso, embora a do Dr. Paulo Malta Ferraz já tenha sido divulgada nas publicações do Instituto Hans Staden, de São Paulo, em 1949.

A respeito da expansão da então Colonia Imperial de Blumenau na época da Guerra do Paraguai, o Deputado Federal Dr. Max Tavares d'Amaral escreveu em sua tese que até 1863 o ritmo de crescimento da mesma não havia diminuído. "A população se elevára a 2.251 habitantes". Mas, "de 1863 a 1867 houve um assustador decréscimo na imigração decorrente do recrudescimento da campanha que países interessados faziam na Alemanha contra o Brasil, aliado à circunstância de havermos em 1865 entrado em guerra com o Paraguai e de estar a Prússia em guerra com a Austria. De 1867 em diante os imigrantes começaram novamente a afluir com regularidade e em quantidade satisfatória à Imperial Colonia de Blumenau".

"As estatísticas desse ano, nos mostram que existiam então duas escolas públicas (para uma população de 2.971 habitantes) e 5 escolas alemãs, particulares".

"Quando o ditador do Paraguai invadiu Mato Grosso, o apêlo imperial clamando todos os cidadãos a defender o solo pátrio, encontrou ouvidos atentos também na gleba blumenauense, que apresentou um contingente de 77 voluntários. Embora todos alemães, acharam de seu dever defender a terra que haviam escolhido voluntariamente para sua nova pátria, ligados que a ela já estavam pelo afeto e pela gratidão".

"Muitos levavam no coração a divisa que souberam honrar, inscrita no estandarte da sua Sociedade de Atiradores: Um' Aug' und Hand fürs Vaterland (Adestra tua vista e tua mão pela pátria)!"

"Entre os voluntários figuravam cinco oficiais. Eram êles: Capitão Victor von Gilsa, Tenente Emilio Odebrecht que tão assinalados serviços prestaram à colonização de Blumenau; os Alferes H. von Seckendorf e Julio Sametzki e o Alferes-cirurgião Wilhelm Friedenreich".

"O ano de 1867 assinala um triunfo da colonização nesse rincão da terra catarinense. A Colonia fôra premiada na Exposição Universal de Paris com 10.000 francos em dinheiro e uma medalha de ouro, importância que o Dr. Blumenau, a quem cabiam as glórias dessa vitória e que por isso foi condecorado, pelo govêrno imperial com a comenda da Ordem da Rosa, aplicou na construção de casas para escolas".

A respeito da Sociedade de Atiradores de Blumenau, escreveu o mesmo Deputado Dr. Max Tavares d'Amaral em sua tese, que "quando em 1859 um grupo de colonos solicitava ao Govêrno da Provincia, então nas mãos de Pedro Leitão da Cunha, o reconhecimento dos estatutos da Sociedade dos Atiradores, a primeira sociedade recreativa organizada na Colonia (2 de Dezembro de 1859), entre as determinações a que subordinava o reconhecimento e por cujo cumprimento fazia responder pessoalmente o Dr. Blumenau, estavam a de não se permitir à Sociedade a posse de mais de 10 armas e a de não poder cada colono possuir mais pólvora do que a necessária para os tiros que devesse dar em cada exercício. Confiava-se, desconfiando!"

Foi desta Sociedade de Atiradores que saiu o primeiro grupo de voluntários alemães da Colonia para a constituição do contingente de Voluntários da Pátria acima citado, quando o Dr. Blumenau, nomeado desde 30 de Janeiro de 1860 Diretor da então Imperial Colônia, se dirigira à Europa a serviço de seu empreendimento, deixando como seu substituto o operoso Vice-Diretor e Guarda-livros Hermann Wenderburg (1826-1881). Coube a Wenderburg organizar e orientar o recrutamento na Colonia, saindo-se muito bem deste encargo, pelo que o então Imperador D. Pedro II. o agraciou, mais tarde, com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa também.

Comandante do contingente era o Capitão Victor August Louis von Gilsa (1821-1874), de origem nobre de Hessen, na Alemanha Ocidental, cujos antepassados já em 1224 tiveram seu solar conhecido próximo de Cassel. Era membro da Sociedade dos Atiradores de Blumenau e veterano imperial brasileiro da Guerra de 1851 e 1852, contra o já referido Ditador-Presidente argentino Rosas no Uruguai. Deixou-nos um manuscrito que em 1941 se encontrava em poder de seu descendente brasileiro Achill von Gilsa, morador em Carijós, San-

ta Catarina, manuscrito incompleto e escrito em alemão, com anotações de serviço em português e que corresponde bem a um pequeno diário ou anotações sobre sua participação nas operações daquela cruenta e longa Guerra do Paraguai. Servimo-nos de uma cópia feita no mesmo ano de 1941 pelo Dr. Carlos Fouquet, para o Instituto Hans Staden, em São Paulo, para reconstituir detalhes do roteiro de campanha deste contingente.

O Capitão von Gilsa consta da documentação sobre contratos de oficiais, sargentos e soldados, copiados pelo então Coronel Francisco de Paula Cidade, hoje General, do livro "Contratos de Estrangeiros", do Arquivo do Ministério da Guerra, e anexada à tradução brasileira do opusculo "Indole da Legião Alemã de 1851 a Serviço do Império do Brasil", publicada no original em 1853 em Marburg, Hessen, e reeditada como tradução do General Bertholdo Klinger, prefácio e notas do mesmo General Paula Cidade, pelo "Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos" Volume III., de 1941. Fora von Gilsa contratado em Hamburgo, em princípios de 1851, como Capitão de Artilharia para o 2.º Regimento de Artilharia Montada (Prussiano), que sob o comando do então Major Emilio Mallet prestou serviços no Uruguai e no Rio Grande do Sul. Com muitos outros companheiros, viera contratado pelo Governo Imperial do Brasil dentre os antigos voluntários liberais alemães daquele exército que tentara impôr ao absolutismo dos soberanos dinamarqueses da época a integração dos antigos ducados de Sleswig e Holstein à União Federal Alemã de 1848. Dissolvido este exército constituído de jovens liberais e democratas de toda a Europa Central, ante as imposições da Inglaterra e de outras potências temerosas das consequências daquele movimento anti-absolutista irradiado do movimento de Fevereiro de 1848, da França sobre toda a Europa Continental, ficaram seus oficiais, sargentos e soldados disponíveis. E é de se notar que o fracasso deste empreendimento da juventude liberal e democratica alemã de então, graças às resistências reacionárias externas, muito contribuiu para o arrefecimento e descrédito da nova ordem constitucional visada pela tentativa democratizante de um século atrás e que somente nos dias atuais voltou a ser tentado novamente na Alemanha! Vieram com von Gilsa quase todos aqueles alemães que no Brasil ficaram e que aqui encontraram melhor ambiente para o desabrochar de suas idéias e que, assim, fortificariam as fileiras dos republicanos brasileiros nos momentos difíceis do 1893 a 1895!

Dos demais oficiais do contingente, cuja primeira parte seguiu de Blumenau para Desterro em 5 de Setembro de 1865 e o restante em 23 de Outubro seguinte, citaremos o Tenente Emil Odebrecht (1835-1912), o Alferes Guido von Seckendorf († 1896), o Alferes Julius Sametzki e o Alferes-Cirurgião Wilhelm Friedenreich.

Dêstes, era Odebrecht filho de um juiz de comarca alemão e natural da Pomerania, Prússia, estivera até 1856 em Blumenau pela primeira vez. Para completar seus estudos voltara então à Alemanha, onde graduou-se em Astronomia, Meteorologia e Geodésia pela Universidade de Greifswald, na Pomerania. Já em 1861 regressara à sua nova pátria brasileira, Blumenau, como agrimensor auxiliar. Em 1865 foi comissionado no posto de Alferes de Voluntários da Pátria, sendo confirmado e depois promovido a tenente em 1866, no Paraguai. No mesmo ano de 1866 retornou, por motivo de doença adquirida em campanha, para Desterro no navio "Marcelio Dias", tornando-se, desde então, o agrimensor oficial da Colonia. Coube-lhe traçar as primeiras comunicações regulares dentro da Colonia e participar das construções das primeiras linhas telegráficas em Santa Catarina. Em 1887 passara a inspetor dos telegrafos nacionais na mesma Província, aposentando-se em 1897, durante a República. Em 1887 fez parte da Comissão Mixta de Limites com a República Argentina como membro brasileiro da mesma. Faleceu em Blumenau, onde deixou descendentes.

O Alferes Guido von Seckendorf, tinha direito ao título nobiliárquico alemão de Freiherr, correspondente ao brasileiro de barão. O outro, Alferes Julius Sametzki (1813-1893), natural da Prússia, foi dos primeiros povoadores de Altona, hoje incorporado ao perímetro urbano de Blumenau, onde faleceria.

O Alferes-Cirurgião Wilhelm Friedenreich (n. 1823), fôra dos primeiros 17 colonos pioneiros a chegar a Blumenau em 2 de Setembro de 1850. Era natural da Prússia. Viera casado com Minna Friedenreich e trouxera duas filhas, Clara e Alma. Como impuzera-se logo na Colônia pela sua tenacidade e amor

ão trabalho e embora apenas veterinário, grangeou estima como médico, o único lá existente durante muitos anos. Foi dos fundadores da Sociedade de Atiradores. Depois de seu regresso da Guerra do Paraguai, aceitou a oferta que recebera, mudando-se com a família para São Paulo, onde cooperaria eficientemente na instalação do Museu do Ipiranga, recém-fundado então na Capital bandeirante. Dentre seus descendentes, o mais famoso foi aquêle inegalável desportista Arthur Friedenreich, o mais destacado dos muitas vezes campeão de foot-ball paulistano, brasileiro, sul-americano e mesmo mundial. De um irmão do então Alferes-Cirurgião, de Carl Friedenreich (1834-1908), fundador de outra família que permaneceu em Blumenau, descendem os Friedenreich que se mudariam para o Rio de Janeiro mais tarde.

Os demais componentes do contingente de Voluntários da Pátria de Blumenau constam de uma lista, anexada às últimas páginas de um Diário iniciado em Janeiro de 1864 e concluído em Julho de 1883, no qual se fizeram anotações sobre os trabalhos e despesas da administração com a construção de pontes, caminhos, etc., e de outros acontecimentos, viagens do Dr. Blumenau e de Wendburg, explorações e outros trabalhos de Odebrecht, visitas de autoridades, etc., seguidas de observações meteorológicas e outras notas mais. Encontra-se o referido Diário no Arquivo da Prefeitura, em Blumenau.

Deste Diário consta que, em 5 de Setembro de 1865, numa quinta-feira, seguiram os primeiros 57 Voluntários da Pátria para Desterro, seguidos de outros 11, em 23 de Outubro, numa segunda-feira. A lista acima citada, inteiramente independente do Diário, contém os nomes de 80 homens, devidamente classificados, incluídos dois dos oficiais, Odebrecht e Sametzki. Destes 80 aparecem riscados 9 e em seu lugar incluídos em letra miuda e nas entre-linhas, mais 2 nomes. No fim desta lista, há uma nota escrita em alemão e do próprio punho do Dr. Blumenau, naturalmente de data posterior: "Foram ao todo 67 (sessenta e sete) homens e os oficiais Capitão von Gilsa, Tenente Odebrecht, Alferes von Seckendorf, Alferes Sametzki, Alferes-Cirurgião Friedenreich". Oficialmente e de acôrdo com pesquisas ulteriores e quase unânimes, o número exato de Voluntários da Pátria saídos de Blumenau então, teria sido de 77, inclusive os oficiais acima.

Excluindo os nomes dos oficiais, dos quais já tratamos, e segundo a mesma ordem da lista corrigida e incompleta, acima citada, foram estes os Voluntários da Pátria de Blumenau recrutados para a cruenta Guerra do Paraguai:

N.º	NOMES	Idade	Profissão	Religião
1.	Francisco Ewald	20	Barbeiro	Evangélico
2.	Luiz Hoffmann	28	Militar	Católico
3.	Günther Franke	30	Militar	Evangélico
4.	Eugen Kurz	38	Militar	Evangélico
5.	Wilhelm Mohr	21	Trabalhador	Evangélico
6.	Hermann Eckelberg	20	Trabalhador	Evangélico
7.	Henrique Riegel	19	Trabalhador	Católico
8.	Conrad Riegel	18	Trabalhador	Católico
9.	Fernando Schuhmacher	28	Militar	Católico
10.	Elias Müller	29	Militar	Católico
11.	Christiano Müller	25	Trabalhador	Evangélico
12.	Henrique Lukas	23	Trabalhador	Evangélico
13.	Michael Riegel	32	Trabalhador	Católico
14.	Wendelin Kraemer	45	Militar	Católico
15.	Christiano Reiff	—	—	—
16.	Ernesto Richter	18	Trabalhador	Evangélico
17.	Carlos Siebert	18	Trabalhador	Católico
18.	Otto Lobedan	40	Militar	Evangélico
19.	Rodolfo Wagner	27	Trabalhador	Evangélico
20.	Jacob Jasper	26	Trabalhador	Evangélico
21.	Carlos Baucke	22	Trabalhador	Evangélico
22.	Pedro Lucas	—	—	—
23.	Christiano Lucas	25	Trabalhador	Evangélico
24.	Antonio Freese	36	Trabalhador	Católico

25.	Oscar Kluge	33	Trabalhador	Evangélico
26.	Chr. Fred. Krüger	40	Trabalhador	Evangélico
27.	Augusto Persch	27	Trabalhador	Evangélico
28.	Johann Wendt	—	—	—
29.	Guilherme Hafenstein	20	Trabalhador	Evangélico
30.	Fred. Guilh. Gross	34	Militar	Evangélico
31.	Julio Hartmann	21	Militar	Evangélico
32.	João Frederico Hafenstein	47	Militar	Evangélico
33.	Gottlieb Gneewuch	27	Militar	Evangélico
34.	Fred. Guilh. Krüger	24	Militar	Evangélico
35.	Wilhelm Peters	45	Militar	Católico
36.	Nicolau Haendchen	20	Militar	Católico
37.	Johann Schöninger	33	Militar	Católico
38.	Frederico Augusto Thomas	32	Militar	Evangélico
39.	Carl Säuberlich	30	Marceneiro	Evangélico
40.	Carl Hinze	31	Trabalhador	Evangélico
41.	Gustav Bosse	31	Militar	Evangélico
42.	Frederico Giehe	34	Trabalhador	Evangélico
43.	Luis Helmbrecht	27	Trabalhador	Evangélico
44.	Francisco Boehmer	23	Trabalhador	Evangélico
45.	Albert Marx	20	Trabalhador	Evangélico
46.	Carl Jansen	38	Trabalhador	Evangélico
47.	Heinrich Engel	40	Militar	Evangélico
48.	Ludwig Endrenyi	39	Militar	Católico
49.	Bruno Scharn	—	—	—
50.	Giulherme Fischer	34	Militar	Católico
51.	Jacó Riediger	36	Militar	Católico
52.	André Kosen	—	—	—
53.	Fr. Bähr	43	Trabalhador	Católico
54.	Christiano Klein	—	—	—
55.	Paulo Stahl	27	Trabalhador	Evangélico
56.	Christiano Withhöft	29	Trabalhador	Evangélico
57.	Johann Weisensee	36	Trabalhador	Católico
58.	Valentin Blasius	30	Militar	Católico
59.	Hermann Küchendahl	38	Trabalhador	Evangélico
60.	Luis Schönhauser	32	Trabalhador	Evangélico
61.	Adolfo Marx	28	Trabalhador	Evangélico
62.	Wilhelm Vogel	21	Trabalhador	Evangélico
63.	Fritz Riemer	26	Trabalhador	Evangélico
64.	Hermann Grahl	25	Trabalhador	Evangélico
65.	Eduard Köchy	25	Trabalhador	Evangélico
66.	Hermann Willerding	21	Trabalhador	Evangélico
67.	Johann Fischer	49	Trabalhador	Evangélico
68.	Herman Geyer	27	Trabalhador	Evangélico
69.	Carl Lichtenberg	22	Trabalhador	Evangélico
70.	Ernst Scheeffter	18	Trabalhador	Evangélico
71.	Carl Kressien	—	—	—
72.	Woldemar von Zeschau	45	Trabalhador	Evangélico
73.	Carlos Geyer	45	Trabalhador	Evangélico
74.	Fernando Ebert	49	Militar	Evangélico
75.	Ricardo Ebert	17	Trabalhador	Evangélico
76.	Hugo Braun	20	Trabalhador	—
77.	João Oltmann	40	Trabalhador	—
78.	Isidor Hirt	25	Trabalhador	Católico
79.	Gottlieb Zeschke	35	Trabalhador	Católico
80.	Simon Theiss	42	Trabalhador	Católico
81.	Heinrich Hansen	18	Trabalhador	Evangélico
82.	Wilhelm Fischer	37	Trabalhador	Evangélico

Esta relação, como já referimos, talvez não seja completa, uma vez que não incluí alguns dos oficiais e alguns dos nomes que o Capitão von Gilsa cita em seu diário ou roteiro de campanha, também incompleto e no qual faltam muitas das páginas. Pelas características desta lista, citando datas como 4/11/74, ....

5/11/74 e 11/11/74, pontos de interrogação ao lado dos nomes ,importâncias várias em dinheiro e uma observação logo após o nome de Frederic Guilherme Krüger nos seguintes termos "Bis hier eingereicht" (Entregue ou encaminhado até aqui), é mais que provável se trate tão somente de um contróle de requerimentos de pagamento de gratificação de cerca de 300\$000, prometida pelo decreto 3.371, de 7 de janeiro de 1865, que criara os Corpos de Voluntários da Pátria. Dos oficiais, constam da lista original os nomes de Emilio Odebrecht e de Justus Sametzki, excluídos da relação acima transcrita.

Preferimos, na transcrição acima, incluir todos os demais nomes inclusive os das entrelinhas, daí o total de 82 nomes. É possível que muitos destes citados não tenham ido até o teatro das operações de guerra, mas foram arrolados como Voluntários da Pátria e assim fizeram juz às vantagens da referida lei. Somente uma pesquisa mais cuidadosa nos velhos arquivos catarinenses e mesmo nos do Ministério da Guerra e do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, nos poderia permitir uma relação real e completa daqueles que de fato representaram Blumenau naquêl período épico do Império do Brasil.

O diário ou roteiro de campanha de von Gilsa permite-nos alguns nomes daqueles que deram à nova pátria o máximo que um homem pode dar, a vida, ligando-se, assim, definitivamente à História e à Tradição desta, irmanados aos demais brasileiros de nascimento que lá tombaram para que a dignidade do Império e a tranquilidade do nosso Continente não mais sofressem tais agressões, como aquela iniciada então pelo Ditador-Presidente do Paraguai, pelo General Francisco Solano López! Assim, dos componentes da relação acima, faleceram durante a Guerra do Paraguai, quer em consequência de doença adquirida em campanha, quer em consequência direta das operações militares em tôrno do Passo da Pátria, na confluência dos rios Paraná e Paraguai, os 8 voluntários seguintes constantes da relação acima transcrita e mais outros 7, não citados aí, provavelmente dos elementos de Dona Francisca, em Joinville, ou de outros que foram incluídos no Contingente mais tarde. Também esta lista de mortos é incompleta, como incompleto se achava em 1941 o diário do Capitão von Gilsa, quando pôde ainda ser copiado. São os seguintes os nomes destes 15 mortos, abrangendo o período entre 11 de dezembro de 1865 e 25 de junho de 1866:

1. Christiano Müller, em 7-2-1866 no Hospital Militar de Corrientes.
2. Wendelin Kraemer, em 21-4-1866 no mesmo Hospital.
3. Otto Lobedan, em 24-4-1866 no mesmo Hospital. Era da Sociedade de Atiradores de Blumenau.
4. Hermann Küchendahl, em 1-5-1866.
5. Wilhelm Fischer, em 10-6-1866 na Ilha de Itapirú, Passo da Pátria.
6. Luis Hoffmann, no Hospital de Corrientes.
7. Gustav Bosse, da Sociedade de Atiradores de Blumenau e não mencionado no que restava do diário do Capitão von Gilsa.
8. Eugen Kurz, em 8-9-1866, da Sociedade de Atiradores de Blumenau.
9. Baurath, em 11-12-1865, a bordo do transporte "São Miguel".
10. Valentin Schaefer, em 7-2-1866, no Hospital de Corrientes.
11. Hermes, em 23-3-1866 a bordo da canhoneira "Araguari".
12. von Reibnitz, em 12-5-1866, afogado no rio Paraná, entre Itapirú e o Passo da Pátria.
13. Eisendecker, em 3-6-1866 no Hospital de Corrientes. Era de Joinville.
14. Meyer, em 27-5-1866 a bordo do transporte "Princesa de Joinville". Idem.
15. Von der Osten, em 25-6-1866 no Hospital de Corrientes. Idem.

Segundo o artistico e consciencioso in-folio da autoria de Max Humpel, a "Chronik des Ortes Itoupava-Secca Altona von seiner Entstehung bis zur Einverleibung zum Stadtgebiet Blumenau" (Crônica da localidade Itoupava-Secca Altona desde a sua fundação até à sua incorporação ao perimetro urbano de Blumenau), manuscrito organizado até 1918 e ricamente ilustrado com iluminuras e vistas panorâmicas locais, que como propriedade de P. Ch. Feddersen foi doado ao Instituto Hans Staden, de São Paulo, e que êste, numa demonstração de altruismo e alto espírito de cooperação, doou ultimamente ao Arquivo Municipal de Blumenau, o Capitão von Gilsa era até o início da Guerra do Paraguai professor num colégio masculino em Blumenau. Dos quatro Voluntários da Pátria moradores de Altona, o Alfêres Julius Sametzki, natural da Prússia, faleceria em Blumenau em 20 de março de 1893 com 80 anos de idade; Fernando Ebert, nas-

cido na Prússia em 1816, não pôde ser aproveitado, devido à idade, sinão como guarda territorial em Blumenau; Carlos Baucke, e Hermann Eckelberg que ficou após o término da guerra durante algum tempo na República Oriental do Uruguai como peão numa fazenda de gado, regressando depois para sua cidadezinha sobre o rio Itajaí-Guaçu, onde faleceria em 1918, com 73 anos de idade.

O esforço militar do Império do Brasil neste maior conflito continental sul-americano havido até nossos dias, correspondeu a 139.000 homens mobilizados para a guerra e enviados ao Paraguai, sobre cerca de um total de 9.000.000 habitantes, isto é, cerca de 1,5%, dos quais faleceram em campanha cerca de 24.000 homens, inclusive os extraviados, ou 17% do total em campanha. A então Colônia Imperial de Blumenau cooperou oficialmente com 77 homens, o que representa 3% sobre 2.600 habitantes em 1865, falecendo em campanha cerca de 10% do total do contingente, segundo o que restava em 1941 do diário ou roteiro do Capitão von Gilsa.

Após a chegada dos últimos elementos do contingente de Voluntários da Pátria de Blumenau em Desterro, depois de 23 de outubro de 1865, começou logo seu comandante Capitão von Gilsa a tratar de tudo o necessário para o apresto de seus homens, requisitando armas, fardamento e equipamentos junto ao encarregado do Armazém de Artigos Bélicos, Tenente-Coronel Manuel José de Sousa Conceição. Só então os componentes do contingente tomaram conhecimento do verdadeiro teor da lei n.º 3.371, de 7 de janeiro daquele ano, sobre os Voluntários da Pátria, exigindo-se então de seus oficiais requerimentos de naturalização brasileira. Tais demarches puseram o Capitão von Gilsa e seus companheiros em contato mais íntimo com Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, Presidente da Província de Santa Catarina, com o Tenente-Coronel Antonio Joaquim de Magalhães Castro, Comandante das Armas, com o Tenente-Coronel Manuel de Sousa Conceição, encarregado do Depósito de Artigos Bélicos, com Carlos Duarte da Silva, Juiz de Paz, com Jorge Adolfo Tobias, Chefe de Polícia, com José Silveira de Sousa Júnior, Tesoureiro da Fazenda Nacional da Província, e com o seu patricio Ferdinand Hackradt (1819-1887). Este, após haver abandonado o empreendimento do Dr. Blumenau, estabelecera-se após 1850 em Desterro com André Carlos Ebel, na Praia de Fôra, com um grande e próspero moinho de arroz. Em 1866 mandara vir de Blumenau seu sobrinho Carl Hoepcke (1844-1924) dando assim o impulso para esta grande firma catarinense Carlos Hoepcke S.A., sucessora dos negócios de Hackradt, Ebel e Hoepcke de então. Já quando da estadia do contingente em Desterro, a situação econômica da firma de Hackradt era das mais animadoras e assim pôde suprir seus patricios com numerário, enquanto se satisfaziem disposições burocráticas para o pagamento de adiantamentos e soldos pela Tesouraria da Fazenda.

Embora destinados inicialmente a constituir uma companhia do já citado 25.º Batalhão de Voluntários da Pátria, com elementos do Paraná, de Desterro e de outros pontos do país, o Contingente de Blumenau não alcançou mais aquêle batalhão. Este seguira em agosto de 1865 para o Rio Grande do Sul, via Porto Alegre, a bordo do vapor-transporte "São Paulo", quando da estadia do Imperador e de sua comitiva em Desterro. Comandava então as armas da Província o então Tenente-Coronel João de Sousa da Fonseca Costa (1823-1902), depois Visconde da Penha, com grandeza, e filho dos famosos marqueses da Gávea. Graças aos seus méritos, fôra nomeado chefe do estado-maior do Exército em Operações contra o Paraguai, deixando Desterro em outubro de 1865. Desta viagem de ida do Imperador ao Rio grande do Sul, deixou-nos seu genro, o Príncipe D. Luis Felipe Gastão de Orleans (1842-1922), Conde d'Eu, francês, uma interessante "Viagem militar ao Rio Grande do Sul. Agosto a novembro de 1865", publicada em 1936 com prefácio do historiador Max Fleiuss e 19 cartas do Príncipe, comentadas pelo mesmo. Além do Imperador e deste Príncipe e Conde d'Eu, seguiram então a bordo do vapor "Sancta-Maria" para o Sul, o outro genro imperial, Príncipe Luis Augusto de Saxe-Coburgo Gotha (1845-1907), Duque de Saxe, alemão, e primo do Conde d'Eu, o então Marquês de Caxias e outras personalidades importantes de então inclusive o Ministro da Guerra, Angelo Muniz da Silva Ferraz, depois Barão de Uruguaiana.

Rumavam ao Rio Grande do Sul invadido desde 10 de junho de 1865 pelas colunas paraguaias do Coronel D. Antonio Estigarribia, entre São Borja e Uru-

guaiana. Estas operações ofensivas do Ditador-Presidente López através da província argentina de Corrientes sobre o Sul do Império haviam conduzido já a um tratado de Triplice Aliança firmada em 1.º de maio do mesmo ano entre o Império do Brasil e as Repúblicas Argentina e Oriental do Uruguai, para fazer frente comum a esta guerra de agressão. Foi em Desterro que o Imperador e seu séquito tomaram conhecimento dos primeiros sucessos ofensivos conjuntos do exército argentino e da esquadra imperial brasileira sobre Corrientes, retomada aos paraguaios, e logo após a notícia alvicaireira da destruição da esquadra inimiga em 11 de junho, na denominada Batalha Naval do Riachuelo, próxima daquela cidade argentina sobre o rio Paraná, pela "Imperial" ao comando do Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva (1804-1882), depois Barão do Amazonas. Assistiram, assim, o Imperador D. Pedro II e seu séquito ao encerramento de Estigarribia na então vila de Uruguaiana, onde os destroços de seu exército invasor se renderam às forças aliadas argentina, brasileira e uruguiaia aí reunidas, em 18 de setembro de 1865. Desde esta rendição, as tropas aliadas haviam começado a passar para o lado argentino do rio Uruguai, concentrando-se desde 20 de dezembro de 1865 na região da confluência do rio Paraná com o Paraguai.

Entretantes continuava-se na faina organizatória em Desterro, quando ao anoitecer do domingo, 5 de novembro de 1865, cerca das 9 horas, chegava à capital catarinense o Imperador com o seu séquito, de regresso do Rio Grande do Sul e em trânsito para o Rio de Janeiro. Após a natural confusão provocada por tão inesperada visita imperial, houve no dia seguinte, 6 de novembro, revistas e demonstrações do Contingente de Blumenau, juntamente com outros elementos de depósito reunidos em Desterro. À noite o Imperador inspecionou os aquartelamentos e assistiu, na manhã seguinte, novamente, aos exercícios, sendo aclamado com entusiásticos "O bom Deus guarde a vida de Vossa Magestade!" Antes de reembarcar, para prosseguir viagem à Côrte, o Imperador apertara a mão de diversos oficiais, inclusive do Capitão von Gilsa.

Em 11 de novembro recebeu von Gilsa novo aquartelamento para as suas duas companhias e o reforço de 19 Voluntários da Pátria providos da Colônia de Dona Francisca, a atual cidade de Joinville, cujos nomes deveriam ser investigados com carinho pelos historiadores e pesquisadores de arquivo daquela cidade catarinense. Após longas disputas com o Comandante das Armas em torno da confirmação da patente de oficial de Odebrecht e dos demais oficiais, situação resolvida pela habilidade e prestimosidade do Presidente da Província, embarcou o contingente em 26 do mesmo mês, num domingo, no vapor "São Miguel", que somente zarpou dois dias depois, cerca das 11 horas. Em 1.º de dezembro, cerca das 14 horas, o transporte ancorava no pôrto de Montevidéu, onde foi permitido visitas à Capital uruguiaia com seu mercado, seu teatro, suas igrejas, suas confeitarias etc. Esta já apresentava então o aspecto cosmopolita dos nossos dias.

Sob a canícula reinante, o transporte prosseguiu em 4 de dezembro para Buenos Aires, onde o "São Miguel" ancorou às 11 horas, a 2 milhas da terra. Aí encontrava-se o Quartel-General do Almirante Joaquim Marques Lisboa (1807-1897), futuro Marquês de Tamandaré, preparando seus meios para cooperar com as forças terrestres aliadas nas operações em vista ao Norte de Corrientes. Este almirante baixara ordens terminantes ao vencedor de Riachuelo, para aguardar primeiro a concentração dos recursos previstos para a esquadra, em vista da navegação difícil acima daquela localidade e da carência de práticos para os navios imperiais. Era necessário poupar os navios para operações decisivas!

No dia 6 prosseguiu o "São Miguel", após deixar baixado ao Hospital Militar de Buenos Aires o voluntário Day, em 5 de dezembro. O transporte subiu pelo rio da Prata até atingir a ilha de Martim Garcia ao anoitecer. Na manhã seguinte penetrava no rio Paraná, passando pela vila de São Pedro. Dia 8 ultrapassava São Nicolau, deixando à margem direita colossais rebanhos de equídeos, bovinos e carneiros nas múltiplas e povoadas fazendas de Entre-Rios. Ao meio-dia atingia o vapor a cidade de Rosário, mas somente ao anoitecer o vapor lançou âncoras para o repouso geral. Em 11 de dezembro de 1865, nesta viagem fluvial pelo rio Paraná até Corrientes, cujas páginas faltam no diário do Capitão von Gilsa, faleceu a bordo do "São Miguel" o voluntário Baurath, do

Contingente, não citado na relação dos de Blumenau e, talvez, do pessoal provindo de Dona Francisca. Nesta página, a de n.º 32, que falta, deveria ter sido mencionado outros pormenores deste trajeto, pois apenas volta a citar algo sobre a chegada ao porto de Corrientes, com a alta do voluntário Otto Lobedan, de Blumenau, em 31 de janeiro de 1866, que estivera baixado no Hospital Militar desta localidade, pela primeira vez.

Começou a seguir aquêl período intenso de preparativos que duraria até ao dia da transposição do rio Paraná, no Passo da Pátria, em 16 de Abril de 1866. O calor era abafante e a situação sanitária da tropa nada boa. Irrompera uma epidemia de cólera-morbus. Os Hospitais Militares de Corrientes viviam cheios de coléricos e a mortandade grande. Aí terminou o tempo de serviço de guerra de inumeros Voluntários da Pátria e de velhos soldados imperiais, obrigados a regressar aos próprios lares para restabelecimento da saúde definitivamente abalada. Os conhecimentos sanitários da época e o tipo de alimentação inadequada, com falta de vitaminas, isto é, de frutas e legumes, muito contribuíram para a devastação provocada então por esta doença infecciosa epidêmica, provocada por um bacilo apenas descoberto em 1883 pelo grande bacteriologista Robert Koch (1843-1910). Esta doença epidêmica, contra a qual ainda não há medicação específica, é extremamente contagiosa. Sua disseminação pode fazer-se por contágio direto do doente, ou indireto, por meio de portadores de germes, pela água, pelos vermes, etc. De localização intestinal, o germe exerce sua ação patogênica pelas toxinas que segrega. A incubação dura de algumas horas a 5 dias, excepcionalmente mais tempo, porém raramente mais de 48 horas. Os dois períodos iniciais desta doença são caracterizados por evacuações constantes, sendo que no segundo, o da cólera-morbus propriamente dita, aparecem a algidez e a asfixia, e diminuem a diarreia e os vômitos. O último período é o da reação, caracterizado pela sedação dos sintomas e reerguimento das forças do doente, quando não se faz seguir da morte. Estes sintomas, citados no diário do Capitão von Gilsa, queixando-se de diversos incômodos nos seus apontamentos pessoais, caracterizam-se perfeitamente aí, mas aquêl brioso oficial nunca deixou de exercer seus encargos de comando e de administração do Contingente, incorporado, desde a sua chegada a Corrientes, à 9.ª Brigada de Infantaria, embarcada pelos diversos navios da esquadra imperial em operações no rio Paraná!

Esta 9.ª Brigada de Infantaria do exército imperial brasileiro já tinha então adquirido renome, pois participara ativamente na vitoriosa Batalha do Riachuelo, em 11 de Junho de 1865, quando a 3.ª Divisão da Esquadra imperial, ao comando do Almirante Barroso, destroçara completa e definitivamente a esquadra inimiga. Sob o comando do então Coronel João Guilherme de Bruce (1805-1874), suéco de nascimento e descendente da velha e tradicional dinastia escocês, engajado em sua cidade natal em 1827 para servir como tenente de artilharia na nossa esquadra, demitido como quase todos os não-brasileiros em 1831, mas readmitido no exército como capitão em 1839, após naturalizar-se cidadão brasileiro, esta 9.ª Brigada cooperara naquela brilhante vitória com os seus 1.430 homens distribuídos pelos diversos navios. Eram todos soldados de 1.ª linha ou de unidades policiais de permanentes, como do Corpo de Guarnição do Espírito Santo, do Corpo Policial da Província do Rio de Janeiro, do 9.º Batalhão de Infantaria, de Pernambuco, do 1.º Batalhão de Infantaria, do Pará, contingente do 1.º Batalhão de Engenheiros e contingente do 1.º Batalhão de Artilharia. Oficiais de escól comandavam estas unidades ou serviam nelas. Pelos mapas da força do 1.º Corpo do Exército imperial brasileiro, ao comando do legendário General Manuel Luís Osório (1808-1879), então Barão do Herval, que marchava da região de Concórdia, sobre o rio Uruguai, para Corrientes, mapas datados de 1.º de Outubro de 1865, a mesma 9.ª Brigada, embarcada na esquadra, passara a um efetivo de 1.671 homens. Compreendia nesta data um destacamento do Batalhão de Engenheiros, um do Batalhão de Artilharia a Pé, um do 1.º Batalhão de Infantaria, 2 companhias do 14.º Batalhão de Infantaria, o 12.º e o 14.º Batalhões de Voluntários da Pátria e o denominado Corpo de Voluntários da Pátria Zuavos Baianos.

Desde Dezembro de 1865 achava-se iniciada a concentração das duas massas principais do exército aliado entre Corrientes e Passo da Pátria, onde se instalara a base de operações da campanha ofensiva prevista, tendo aí como ob-

jetivo inicial a posição fortificada de Humaitá, sôbre o rio Paraguai e a 7 léguas do Passo da Pátria. Tomara-se a via fluvial do rio Paraná como linha de operações natural. Durante o período que vai de 20 de Dezembro de 1865 a 16 de Abril de 1866 foi grande a faina nos acampamentos aliados. Grandes preparativos foram feitos, principalmente em Corrientes, que passou a constituir como que um grande armazem e uma grande oficina de munições e de embarcações destinadas à transposição do rio Paraná, uma vez que nada disto existia no exército, quando chegara ao seu local de concentração. Sôbre estes preparativos escreveu o historiador brasileiro, General Augusto Tasso Fragoso (1867-1945), antigo Chefe do Estado-Maior do Exército, no Rio de Janeiro, em sua obra máxima sôbre a "História da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai", editada em 1934 pela Imprensa do mesmo Estado-Maior:

"Em fins de Dezembro de 1865, os três exércitos aliados encontravam-se reunidos a Leste da cidade de Corrientes e ao Sul das Três Bôcas.

Cabia-lhes agora prepararem-se para a invasão e depois efetuá-la. Era inevitável que perdessem algum tempo na primeira parte deste trabalho, pois que, como sempre, havia mister improvisar in loco, e não era problema insignificante transportar de uma margem para outra de rios caudalosos como o Paraná e o Paraguai, uma massa de mais de 40.000 homens, e movê-la depois em terreno de que não havia cartas topográficas e, pode-se afinal dizer, completamente desconhecido. Felizmente a marinha brasileira estava presente na vizinhança e facilitaria a operação. Mas ainda assim tornava-se necessário reunir o material indispensável à travessia, construir as embarcações que faltavam e tomar inúmeras medidas quer de natureza tática, quer concernentes aos serviços, a-fim-de que a operação projetada não pudesse findar em completo malôgro. Naquela conjuntura a cidade de Corrientes assumia o carater de verdadeira base de operações para as tropas que permanecessem no território paraguaio. Urgia, portanto, aparelhá-la de modo adequado, a-fim-de que lhe fôsse possível desempenhar convenientemente o seu papel. Por outro lado, a travessia da Província de Corrientes havia sido penosa e extenuara os animais; a cada momento chegavam novos reforços de tropas. Convinha, por conseguinte, nada empreender sem restabelecer a ordem nas diferentes unidades, completando-lhes os efetivos e grupando-as do melhor modo. Tudo isso demandava um tempo extraordinário e fêz-se do lado dos brasileiros", da melhor forma possível e, assim, "só a 16 de Abril de 1866 os primeiros escalões de tropas aliadas (brasileiras) puseram pé no Paraguai, portanto" após "os aliados despenderem cêrca de 4 meses nos aprestos da invasão, quedando-se entretanto acampados na mesma zona".

Das atividades das 2 Companhias do Contingente de Alemães, como oficialmente eram então designados os comandados do Capitão von Gilsa, neste período temos apenas o que o mesmo Capitão nos pôde legar com as suas anotações e assim mesmo, de acôrdo com o que ainda existia em 1941 de seu diário de campanha. Durante todo este tempo não deixou Lopez de tentar uma série de negaças, realizando verdadeiros ataques de surpresa, comandos de reconhecimentos, sôbre as posições aliadas da margem meridional do rio Paraná, culminando com o combate de Corrales, em 31 de Janeiro de 1866, data em que recomeça o diário acima citado. Em 2 de Fevereiro almoçara von Gilsa a bordo da canhoneira "Itajai" e à noite estava no acampamento brasileiro, chegando no dia seguinte os primeiros reforços da nossa esquadra, o encouraçado "Brasil" e as canhoneiras "Henrique Martins" e "Greenhalgh". Dia 7 faleciam no Hospital de Corrientes os voluntários Valentin Schaefer e Christiano Mueller, baixando a 10 o voluntário von der Osten ao mesmo Hospital, a 13 o voluntário Jonitz e a 21 os voluntários Wendelin Kraemer e Bretschneider. Neste período adoecem também von Gilsa e von Seckendorf, mas preferem continuar nos seus postos.

No dia 8 de Fevereiro encontrava-se o Capitão von Gilsa novamente no acampamento brasileiro com outros antigos companheiros de 1851 a 1852, que do então 2.º Regimento de Artilharia Montada (Prussiano), haviam uns continuado a serviço imperial como engajados no tradicional 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, de São Gabriel, Rio Grande do Sul, e outros haviam se apresentado voluntariamente para a defesa da honra e dos direitos de sua nova Pátria brasileira, tendo sido reunidos novamente numa Bateria provisória, constituida tôda destes elementos veteranos alemães e teutos. Oficialmente consta

esta unidade agregada ao referido 1.º Regimento de Artilharia a Cavalos como Bateria de Voluntários Alemães em toda a documentação da época e assim aparece citada, tanto no "Histórico do Regimento Mallet", da autoria conjunta do General João Borges Fôrtes e do então Capitão José Faustino Filho, mandado imprimir por ordem do então Ministro da Guerra, General José Fernandes Leite de Castro, pela Imprensa Militar, no Rio de Janeiro em 1932, como noutros muitos trabalhos referentes àquele período. Do mesmo Regimento, cuja tradição continua sendo cultuada pelo atualmente sediado em Santa Maria da Boca do Monte, Rio Grande do Sul, se desdobrariam outras tantas unidades de artilharia e o Corpo de Pontoneiros, destacado fator da marcha através do Chaco em Dezembro de 1868, e que traçariam com os seus sacrifícios e a sua bravura todos os grandes feitos militares desta campanha.

Fôra o Capitão von Gilsa até ao acampamento com Odebrecht, von Seckendorf, Sametzki e Friedenreich, e desde então todos estes passaram a procurar a hospitalidade desta Bateria quando tinham que ir a serviço até ao Quartel-General imperial brasileiro. Dos antigos companheiros e comandados de 1851 e 1852 von Gilsa encontraria aí o Capitão Fernando Schneider, dispensado em Março seguinte gravemente ferido numa vista, o 1.º Tenente Guilherme von Reisswitz, o Tenente-Secretário Leopoldo Bier, o 2.º Tenente-Cirurgião Dr. Henrique Grave, os Sargentos Guilherme von Steuben, Carlos Juliesk, João Luis Müller e outros mais. Tanto Guilherme von Steuben como João Luis Müller seriam promovidos, em 4 de Novembro, a 2.º Tenentes por atos continuados de bravura.

Com a chegada do Almirante Tamandaré em 21 de Fevereiro considerava-se completa a concentração da esquadra. No dia 25 reuniram-se os chefes aliados para assentarem as medidas preliminares sobre a invasão do Paraguai. Decidiu-se que a escolha do ponto da transposição do Paraná dependeria dos reconhecimentos prévios procedidos a seguir pela esquadra. Em consequência, passou toda esta desde o dia 21 de Março ao novo ancoradouro diante de Três Bôcas, para aí bloquear herméticamente os rios Paraná e Paraguai. No mesmo dia foram iniciados os reconhecimentos hidrográficos que fizeram aquêles chefes decidir-se pelo Passo da Pátria, tendo em vista a posição de Humaitá e a necessária cooperação dos meios poderosos de que dispunha a esquadra no momento.

Até esta data verificaram-se as seguintes alterações no Contingente: a 3 de Março baixou ao Hospital o voluntário Schmidt; a 5 baixaram os voluntários Otto Lobedan, Gottlieb Gneewuch, Luis Hoffmann e Bruening; no mesmo dia foi incluído no seu efetivo o Sargento R. Schmidt; a 6 baixaram os voluntários Hermann Willerding, Carlos Baucke, Carl Kressien, um dos dois Krüger, Ernesto Richter, Nicolau Haendchen, Heinrich Hansen, Augusto Persch, Kreis, Eisendecker, Dinkelberg, Neuschaefer e Kupas; a 14 teve alta do Hospital o voluntário Dinkelberg; a 16 baixou o voluntário João Riediger e tiveram alta os voluntários Hermann Willerding, Carlos Baucke e Nicolau Haendchen.

Após os primeiros reconhecimentos, deslocou-se toda a esquadra, como anteriormente ficou dito, para Três Bôcas, de onde tiveram início imediatamente os trabalhos hidrográficos necessários, dos quais participou o bravo comandante da canhoneira "Araguari", o então Tenente Antonio Luis von Hoonholtz (1837-1931), futuro Almirante e Barão de Tefé. Os reconhecimentos foram todos efetuados não sem forte oposição dos paraguaios que, do Forte de Itapirú e de chatas artilhadas, fizeram disparos de artilharia sobre o "Araguari", onde se achava o grosso do Contingente. Após algumas demarches e em face de continuada atividade paraguaia em canoas em torno de nossos navios, procedeu-se a nova distribuição dos elementos da 9.ª Brigada pela esquadra, passando o Contingente para bordo do transporte "Cisne", até que a 24 de Março o Capitão von Gilsa conseguiu receber ordem para regressar para bordo da canhoneira de von Hoonholtz, para o "Araguari", com exclusão de um pequeno destacamento de 25 homens que ficaram no "Cisne". Eram estes os oficiais von Seckendorf, Friedenreich e Hoffmann, este recentemente comissionado em alféres, e mais 22 voluntários do Contingente. A 23 falecera o voluntário Hermes, da 2.ª Companhia do Contingente, cerca das 5 horas, e baixaram ao Hospital os voluntários Schoentauner e Eisendecker, este pela segunda vez.

Desde então participou o Capitão von Gilsa com os seus companheiros de bordo do "Araguari" de quase todos os empreendimentos preparatórios da in-

vasão, inclusive dos combates continuados com as chatas artilhadas e as baterias da margem paraguaia, num dos quais se verificou a catástrofe da casamata do encouraçado "Tamandaré", atingido em cheio por projectis inimigos e que vitimou seu comandante, Antônio Carlos de Mariz e Barros, os 1.º Tenentes José Ignacio da Silveira e Francisco Antônio de Vassimon, o Comissário Carlos Accioli de Vasconcelos, o Escrivão Augusto de Andrade Alpoim e 6 imperiais marinheiros. Ficaram feridos os 2.º Tenentes Diosínio Manhães Barreto e José Vitor de Lamare, Guarda-Marinha Luis de Paula Mascarenhas e Alferes Manuel Gonçalves Tourinho. Esta catástrofe foi consequência do duelo de artilharia travado em 27 de Março entre o "Tamandaré" e uma chata protegida pelo recife de Itapirú. Relata sobre isto o Vice-Almirante A. Jaceguai e o Capitão-Tenente Vidal de Oliveira em sua obra "Quatro Séculos de Atividade Marítima. Portugal e Brasil", impressa no Rio de Janeiro em 1900, pela Imprensa Nacional, que "uma só bala, que entrara por uma das portinholas da casamata" bastara para pôr "fora de combate 34 oficiais e marinheiros, inclusive o comandante, o denodado Mariz e Barros, determinando também aí "o descrédito dos casamatados como perigosos para os combatentes em confronto com o do tipo monitor, em que a couraça constituia abrigo tão perfeito para o pessoal quanto para a estrutura do casco".

Em 28 de Fevereiro, pela manhã, regressava Hoffmann com 11 voluntários do "Cisne" para bordo do "Araguari", seguidos de von Seckendorf e dos demais. Apenas o Alferes-Cirurgião Friedenreich ficara a bordo do "Cisne" e deveria apresentar-se no Hospital de Corrientes, onde o número de doentes continuava elevado. Estas tentativas, ora superadas, graças a boa vontade de Osório e à cooperação de von Honnholtz, de divisão dos elementos do Contingente de Blumenau e de Dona Francisca, criaram certa amargura entre seus componentes e assim apresentaram em 29 de Março, com data de 24, requerimentos pedindo baixa do serviço os oficiais Odebrecht, von Seckendorf, Sametzki e Friedenreich, além de 76 dos voluntários, inclusive Ludwig Endreny. Na mesma data regressou para bordo um dos dois Krüger, voluntário do Contingente.

A noite de 30 de Março de 1866 houve alarma de bordo do "Magé" e imediatamente o Contingente entrou em forma, sendo embarcado num escalér do "Araguari" um destacamento de 20 voluntários da 1.ª Companhia do mesmo para interceptar uma tentativa paraguaia de passar, por terra, uma chata do rio Paraná para o rio Paraguai. Apoiados eficazmente pelo fogo dos demais navios, estes comandados do Capitão von Gilsa forçaram ao inimigo ao abandono da chata que foi em seguida capturada e trazida a reboque para junto do "Araguari". Isto deu-se entre 11,½ da noite e 2,½ da madrugada. Na manhã seguinte vieram os navios "Lindóia" e "Barroso" para levar a chata paraguaia capturada, após ser esta despejada de tudo que nela se encontrara. Continuou-se a fazer o patrulhamento noturno por meio de escaléres e a bombardear-se as posições inimigas desde a confluência dos dois grandes rios ao Forte de Itapirú. Também, como era de esperar, de nada valeram os empenhos de Sametzki e Hoffmann junto ao Brigadeiro Bruce e ao General Osório, pois tanto os requerimentos de ambos como dos demais, foram indeferidos.

Já então, nos primeiros dias de Abril, se achava o Forte de Itapirú praticamente desmantelado pelo fogo conjunto da esquadra e do exército. Contudo mantinham os paraguaios, com inaudita tenacidade, aquela posição, como se esta fôsse uma cratera de fogo que só se extinguiria no dia 17, quando as forças de desembarque de Osório dela se apossaram de assalto. Até lá a atividade da nossa artilharia vinha se tornando cada vez mais intensa. O Forte de Itapirú encontrava-se numa ponta na margem Norte do rio Paraná, a Leste da confluência deste com o rio Paraguai. Ao Sul de Itapirú e cerca de 1 km. deste, existe ou existia então uma ilha ou banco, a ilha da Redenção, ocupada pelos brasileiros na noite de 5 para 6 de Abril, que aí se organizaram defensivamente. Esta ilha, denominada pelos paraguaios de Banco Purutué ou Banco Português, não passava de um simples banco de areia, foi ocupada por um destacamento comandado pelo Tenente-Coronel Willagran Cabrita, antigo instrutor da Escola Militar do Rio de Janeiro e que tempos atrás pertencera a uma comissão de instrutores brasileiros do exército paraguaio. Seus 900 homens com 8 peças de artilharia e foguetes incendiários surpreenderam completamente aos paraguaios que, ao amanhecer, viram tremular lá a bandeira imperial auri-

-verde. Do caminho de Itapirú ao Passo da Pátria, num espaçoso terreno aberto e baixo, dominava-se perfeitamente pelo fogo a ilha, inclusive do grande acampamento do exército paraguaio, onde López pessoalmente dirigia a defesa, na iminência da invasão aliada.

Neste período o Capitão von Gilsa com seu Contingente passou a guarnecer o transporte "Princesa de Joinville", uma vez que o "Araguari" fôra enviado a Corrientes para reparos e revisão geral. Em 23 de Março tiveram alta do Hospital os voluntários Luis Hoffmann e Ernesto Richter, e a 29 os voluntários Carlos Kressien e Bruening, a 20 o voluntário Krüger e a 25 o voluntário Kupas, inclusive o voluntário Kraemer, todos apresentados a 4 de Abril ao seu comandante. Parece, no entanto, que piorou a situação sanitária a bordo, pois a 5 de Abril baixaram ao navio-hospital "1.º de Junho" os oficiais Odebrecht, Sametzki e Hoffmann. No dia seguinte providenciou-se o embarque de 20 voluntários do Contingente para o Hospital de Corrientes, entre os quais Carl Hinze, Conrad Riegel, Woldemar von Zeschau, L. von Zeschau, Christiano Mitthöft, Wilhelm Peters, Henrique Lucas, Pedro Lucas, Christiano Lucas, Heinrich Engel, Carl Jansen, Hermann Geyer, Rodolfo Wagner, S. Peters, Hatzfeld, Habitzreuter, Stuhlmann e Sargento Richter.

Em 9 de Abril esteve o Capitão von Gilsa, a serviço, no acampamento, onde tudo indicava a invasão bem próxima. Assistiu daí, das baterias instaladas em Corrales, o bombardeio continuado de Itapirú e das demais posições paraguaias da outra margem do rio. Neste participou também a denominada Bateria de Voluntários Alemães, então comandada brilhantemente pelo Capitão Ernesto Augusto da Cunha Matos, mais tarde general, procurando desoprimir um pouco os bravos defensores da ilha ocupada por Willagran Cabrita. Achava-se o exército aliado acampado num espaço de apenas 3 km, no centro os uruguaios, à direita os brasileiros e à esquerda os argentinos. Era um verdadeiro enxame de homens e animais...

Aí participou o Capitão von Gilsa e seu Contingente dos esforços feitos para apoiar os bravos daquela ilha, quando na noite de 9 para 10 de Abril, tentou Lopez repossar-se da mesma num arrojado e violento golpe de mão que redundaria numa grande vitória brasileira. Atacados de todos os lados por mais de 1.200 paraguaios, escolhidos entre os elementos de elite, os 900 brasileiros do Tenente-Coronel Willagran Cabrita mantiveram as suas posições, causando ao inimigo duras perdas, cerca de 640 mortos e capturando 62 prisioneiros, dos quais apenas 16 ilesos. As baixas da guarnição da ilha foram apenas de 52 mortos e 102 feridos, mas, após o sucesso, uma granada paraguaia lançada de Itapirú matou o bravo Tenente-Coronel Willagran Cabrita no momento em que começava a escrever sua parte de combate. Desde então os aliados passaram a designar a ilha pelo nome deste valente e destemido artillheiro e é como Ilha do Cabrita que se acha inscrita na nossa História.

Os preparativos para a transposição do rio a viva força davam ao inimigo e mesmo a todos aliados a impressão de que seria escolhido o local do Passo da Pátria situado diante do Forte de Itapirú, da ilha do Cabrita e das posições de Corrales, mas uma informação datada de 2 de Abril de 1866, do 1.º Tenente da armada Francisco José de Freitas, comandante da canhoneira brasileira "Ipiranga", dirigida a Tamandaré e por êste entregue ao comandante-em-chefe aliado, fizera modificar inteiramente a idéia inicial. Assim, enquanto se reiniciava forte bombardeio das posições inimigas em torno de Itapirú, subiram o rio Paraguai os navios "Magé", "Ivai" e "Araguari", para reconhecer o ponto mais conveniente aí para fazer-se o desembarque do exército. Encontrou aí, perto da embocadura do Itajo, como melhor a barranca da margem esquerda da confluência do rio Paraguai. Os transportes começaram a receber os contingentes para o início da operação do dia seguinte, 16 de Abril de 1866, que constituiu verdadeira surpresa tática feita ao inimigo. O segredo fôra completo e somente os chefes aliados sabiam da decisão tomada. O primeiro a pisar território inimigo foi Osório em pessoa, seguido de seus auxiliares e de seu piquete. Em seguida montou a cavalo e passou a fazer os primeiros reconhecimentos. Da esquadra o Capitão von Gilsa relata todas estas peripécias e como o fogo certo dos navios soube inutilizar as fracas tentativas paraguaias para interceptar a progressão rápida e segura de Osório, rumo a Itapirú. Chuvas e ventos cooperaram para o sucesso e uma única resistência mais forte do inimigo, quando Lopez mandou que 3.000 homens atacassem os invasores na manhã

de 17, resultando daí uma das mais cruéis e renhidas pelejas de tôda a guerra, o Combate da Confluência. O inimigo foi completamente batido, principalmente devido à cooperação da esquadra, tendo deixado aí cerca de 500 mortos e feridos, 2 peças de artilharia, 1 bandeira, 300 fusis e muita munição. Os brasileiros tiveram apenas 357 homens fora de combate, dos quais 65 mortos, 288 feridos e 4 extraviados. No mesmo dia 17, Lopez determinou o abandono do Forte de Itapirú que, assim, não resistiu ao assalto brasileiro. Daí em diante a transposição do restante do exército e de sua impedimenta não foi mais perturbada. O navio em que se achava o Capitão von Gilsa cooperou dia e noite no transporte de cavalos para o outro lado do rio, agora diretamente pelo Passo da Pátria.

No 2.º volume da já citada e monumental "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai", do matemático e historiador brasileiro General Augusto Tasso Fragoso, apresentando a ordem de batalha do 1.º Corpo do Exército Imperial, do comando do legendário gaúcho General Manuel Luis Osório, o futuro Marquês de Herval, no dia 1.º de Março de 1866, dá como estacionados no Acampamento de Tala-Corá, próximo de Corrientes, um total de 31.293 homens (2.058 oficiais e 29.235 soldados) e embarcados na esquadra outros 1.575 homens (98 oficiais e 1.477 soldados) da 9.ª Brigada de Infantaria, ao comando do recém-promovido Brigadeiro João Guilherme de Bruce. Estas pertenciam então aos 9.º, 12.º, 15.º e 43.º Batalhões de Voluntários da Pátria e os 119 homens das 2 Companhias isoladas do então denominado Contingente de Voluntários da Pátria alemães (7 oficiais e 112 soldados). Estes 7 oficiais deveriam ser, além dos 5 iniciais, Capitão von Gilsa, Tenente Odebrecht, Alferes von Seekendorf e Sametzki e Alferes-Cirurgião Friedenreich, os posteriormente comissionados em Alferes Hoffmann e Ludwig Endrenyi.

Poucas modificações teriam surgido nesta ordem de batalha até 16 de abril de 1866, no dia do início da invasão do território paraguaio. Com os reforços recebidos até então, o efetivo do 1.º Corpo brasileiro andaria em cerca de 37.870 homens, que somados aos 25.000 argentinos e 2.860 uruguaios, dariam para o Exército Aliado um total aproximado de cerca de 65.730 homens, sem contar com os civis do contrato dos abastecimentos que acompanhavam os exércitos. Segundo outro mapa de efetivos, datado de 1.º de julho de 1866, publicado no 2.º volume da tradução brasileira da famosa história em alemão de Luis Schneider "A guerra da Tríplice Aliança contra o governo da República do Paraguai", publicada no original de 1872 a 1875 em Berlim, tradução anotada pelo nosso grande Barão do Rio Branco, aparece o mesmo Contingente com um efetivo de apenas 101 homens (5 oficiais e 96 soldados) e a 9.ª Brigada com apenas 969 homens (38 oficiais e 931 soldados). Pertenciam estes então aos 9.º e 12.º Batalhões de Voluntários da Pátria, contingentes de diversas unidades e mais o já citado Contingente de Voluntários da Pátria alemães. O grande total do 1.º Corpo brasileiro montava, no Acampamento de Tuiuti e imediações, cerca de 33.401 homens (2.082 oficiais e 31.419 soldados).

Desde aí começa-se a notar que o Capitão von Gilsa e seus comandados, segundo os dados do seu diário, com as continuadas referências sobre confecções de relações, recebimentos de soldos, prestações de contas, idas a Corrientes, companhia constante do Brigadeiro Bruce e dos do séquito dêste, passara a ser aproveitado como verdadeiro secretário, almoxarife e intendente nos árduos trabalhos ligados ao transporte constante de reforços em soldados e em materiais ao nosso exército em território inimigo. Nas últimas páginas do diário em questão nota-se bem sua permanência em terra, junto aos pontos de desembarque das cargas que vinham em avalanche dos depósitos de Corrientes, onde se haviam armazenado quantidades além das normais em fardamentos e material bélico. Junto das guarnições dos navios da esquadra que ficaram cobrindo a linha de operações aliadas entre Corrientes e Itapirú teriam permanecido desde então estes soldados cuidadosos e trabalhadores provindos de Blumenau e de Dona Francisca, cooperando decisivamente para a manutenção das posições conquistadas nesta fase da campanha.

Por isto ficou von Gilsa junto às barrancas do rio até 7 de maio de 1866, quando foi liberado e mandado reembarcar no "Princesa de Joinville". Nêste período cita a apresentação dos voluntários Augusto Persch e Kreis com notícias do Tenente Odebrecht que baixara um mês atrás ao Hospital e que breve voltaria para Blumenau, licenciado por motivo de doença adquirida em cam-

panha. Em 27 de abril baixara ao Hospital o voluntário Hermann Kuchendahl.

Ouviu também von Gilsa de seu estacionamento à beira-rio, em 2 de maio de 1866, o canhoneio e a fuzilaria intensa do ataque de surpresa de López à vanguarda aliada, cujo grosso se achava estacionado ao Sul do Estero Bellaco, imediatamente ao Norte do Acampamento do Passo da Pátria, evacuado sem combate pelos paraguaios dias antes. Neste ataque, conhecido como Combate de Estero Bellaco, cerca de 6.000 paraguaios investiram de surpresa sobre a vanguarda aliada, constituída de cerca de 3.600 homens (1.600 uruguaios e 2.000 brasileiros), comandada pelo caudilho uruguaio General Venâncio Flôres (1809-1868), Presidente pró-Brasil da República Oriental do Uruguai. As unidades surpreendidas, apesar de resistirem bravamente, foram recalcadas e teriam sido destroçadas, se Osório não acudisse prontamente, para transformar aquêle quase revêz numa vitória que custou aos paraguaios cerca de 2.300 baixas, entre mortos e feridos, 2 bandeiras, 4 canhões e mais de 2.000 armas portáteis. Os vencedores tiveram um total de cerca de 1.551 baixas, dos quais 1.102 brasileiros (251 mortos e 843 feridos). Perdemos aí também 4 peças da bateria que se achava em primeiro escalão na vanguarda e que fôra logo isolada pela avalanche inimiga.

A partir de 7 de maio de 1866 começa o diário do Capitão von Gilsa a apresentar páginas dilaceradas, com anotações prejudicadas. Há citações vagas a respeito de Odebrecht e Hoffmann com 9 de seus comandados, dos quais ainda se podiam ler os nomes de Ernesto Richter, Carl Jansen e de um novo voluntário de nome C. Johannsen. Há uma referência a Friedenreich com data de 10, aos voluntários Luís Hoffmann e Zimmermann a 11, ao falecimento de von Reibnitz, afogado a 12 e outra a von Seckendorf e à conhoneira "Marcilio Dias" a 14 do mesmo mês de maio. E assim terminam com êstes dias de maio de 1866 o que ainda pôde ser salvo dêste preciosíssimo diário, que tantos outros detalhes desta fase épica poderia nos ter revelado. Nada mais de positivo chegou até nós sobre as atividades do Capitão von Gilsa e de seu Contingente. Como tantos outros bravos que por lá derramaram o seu sangue e o seu suor, sacrificando saúde e bem estar, cheios de fé nos destinos desta nova pátria que seria a de seus filhos e dos filhos de seus filhos, continuariam lutando e sofrendo as conseqüências daquele clima inhóspito e das epidemias que daqui e dali abriam claros enormes entre soldados. Teria sabido da marcha do exército aliado de Estero Bellaco para Tuiuti, na direção geral de Humaitá, da primeira grande batalha defensiva de 24 de Maio de 1866, e com esta a grande vitória que obteríamos aí nesta Batalha de Tuiuti. Teria cooperado eficazmente a bordo dos navios da esquadra que entre 7 e 10 de Julho auxiliaram no transporte dos soldados do 2.º Corpo de Exército brasileiro vindo do Rio Grande do Sul sob o comando do bravo General Manuel Marques de Souza por êste em 3 de Setembro de 1866 e no conjunto das operações que levariam ao ataque malogrado de Curupaiti, em 22 do mesmo mês.

Dai em diante perdem-se os vestígios do Contingente, cujos componentes deveriam ter continuado cooperando de maneira anônima nos esforços que se seguiram, principalmente após haver o então Marquês de Caxias assumido em 19 de Novembro de 1866, no Acampamento de Tuiuti, o Comando-em-chefe de tôdas as forças brasileiras em operações no Paraguai. Desde 7 de Agosto de 1866 deixara o Brigadeiro João Guilherme de Bruce o comando de sua 9.ª Brigada de Infantaria para assumir novo encargo, mas pouco depois era licenciado por motivo de saúde e mandado regressar ao Rio de Janeiro, onde faleceria em 4 de Agosto de 1876. Com Caxias assumiu também o Coronel João de Sousa da Fonseca Costa as funções de Chefe do Estado-Maior do Exército em operações e aí continuaria até o fim da guerra.

Continuou a esquadra no seu trabalho de transportar novos elementos para a reconstituição dos meios reunidos no Acampamento de Tuiuti e no Forte de Curuzú e neste trabalho forçosamente iríamos encontrar o Contingente do Capitão von Gilsa, da mesma forma que na transposição do rio Paraná pelos reforços trazidos por Osório, do Rio Grande do Sul, com o 3.º Corpo do Exército. Outro tanto teria feito na evacuação dos nossos de Curuzú para Tuiuti, pouco antes de iniciada a famosa marcha de flanco de Tuiui-Cuê, em 22 de Julho de 1867, durante uma ausência de Mitre, com quem aquêle sempre comandou em harmonia e cooperação eficiente. Teria participado também da admiração geral quando da primeira ascensão de um balão captivo, em 24 de Junho do mesmo

Pôrto Alegre. Era a bandeira da bateria, quase extinta, dos Voluntários Alemães, que se haviam incorporado, por falta de efetivo, aos restos gloriosos do 33.º V.P. e do Corpo Policial, constituindo, então, o 39.º de Voluntários da Pátria. Dêsses quatro corpos voltaram 449 praças. Bandeira desdobrada à frente, em silêncio respeitoso e profundo, como se assomasse ainda aos olhos dos sobreviventes a heróica queda dos companheiros que ficaram, dirigiam-se eles à igreja. E lá ficou aquela bandeira, trapo precioso em cujas dobras bem junto ao coração brasileiro palpitará, muitas vêzes, nos êstos dos entusiasmos heróicos, o forte coração daqueles alemães, e sôbre o qual se cimentaria, para sempre, indissolúvel fraternidade, para ligá-los ainda mais à Pátria brasileira e a seus irmãos de origem diversa”.

Sôbre o regresso dos VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA DE SANTA CATARINA muito pouco se sabe e quase nada sôbre os de Blumenau e Dona Francisca. Falta-lhes ainda o historiador e o cronista a rebuscar memórias de família, assentos paroquiais, ordens do dia e tôda papelada que repousa nos arquivos públicos e particulares, para o prosseguimento da obra dos irmãos Boiteux, do General Vieira da Rosa, de José Deeke, de Manoel Barreto, de Theodor Lueders e de Max Humpel, animando êstes investigadores incansáveis nos dias atuais que labutam no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e, principalmente, José Ferreira da Silva, Paulo Malta Ferraz, Max Tavares de Amaral, Carlos Fouquet e os novos que continuam surgindo!

Até lá apenas sabemos que dos componentes daquele Contingente de Voluntários da Pátria que haviam deixado Blumenau entre 5 de Setembro e 23 de Outubro de 1865 poucos regressaram e dêstes muitos bem doentes e aquebrados pelos males que lhes abalaram a saúde para sempre. Dos primeiros a regressar fôra o Tenente Emilio Odebrecht e dos últimos o Capitão von Gilsa. O Alferes Cirurgião Guilherme Friedenreich voltou também antes dos demais para tempos após mudar-se para São Paulo, como já foi dito. O Capitão von Gilsa, o incansável trabalhador, pouco viveu após o regresso para junto dos seus em Blumenau. As doenças adquiridas em campanha o vitimaram em 1874, deixando sua família na penúria. Foi o Dr. Blumenau que a amparou, doando-lhe um lote de terras que mais tarde passaria, por compra à família Fouquet, que ainda a possui como solar avoengo. O Alferes Guido von Seckendorf teve mais sorte, pois viveria em Blumenau até 12 de Dezembro de 1896, algum tempo mais que o Alferes Julius Sametzki, falecido em 20 de Março de 1893 aos 80 anos de idade. A respeito dos voluntários já nos referimos ao de nome Hermann Eckelberg, de Itoupava-Sêca Altona, falecido em 1918 aos 73 anos de idade, em Blumenau, após haver permanecido algum tempo trabalhando no Uruguai. Eduard Köchy, nascido em 1842 em Schöningen, no antigo ducado alemão de Brunswick, veio a falecer de tísica adquirida em campanha, em 16 de Março de 1877, deixando sua viuva Johanna Liesenberg na mais completa pobreza. Uma filha, de nome Bertha vivia em 1946, casada, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Sôbre os voluntários Woldemar von Zeschau, citado na relação dos de Blumenau como nascido cêrca de 1840, e o outro citado apenas como L. von Zeschau nas anotações do Capitão von Gilsa, sabe-se descenderem de antiga nobreza alemã, citada já entre 1350 e 1550 como tal na Saxônia. Era uma família de altos funcionários e administradores reais, dando àquele antigo reino alemão oficiais e ministros, dos quais um se destacou sobremodo como combatente napoleônico até 1813. Parece tratar-se, no caso em questão de dois irmãos, filhos de outro Woldemar von Zeschau, falecido antes de 30 de Janeiro de 1879, sendo Louis von Zeschau o acima citado por von Gilsa. Outro Louis aparece como agrimensor e colono, vivendo em 1887 no Selketal e desaparecido desde os primórdios da Revolução Federalista de 1893 a 1895. Existem descendentes dêste e de outro irmão de nome Rudolf, inteiramente assimilados pelo ambiente e esquecidos, ao que parece, de seus antepassados nobres. Há notícia que o voluntário Louis von Zeschau não regressou da Guerra do Paraguai. Teria falecido lá ou teria decidido estabelecer-se, como muitos outros, no Uruguai ou na Argentina?

Embora a lei n.º 3.371, de 7 de Janeiro de 1865, criando os Corpos de Voluntários da Pátria, apenas promettesse aos voluntários em questão, quando dessem baixa do serviço, terras de 22.500 braças quadradas nas colonias militares, não mencionando as colonias governamentais do tipo da de Blumenau de então, alguns dêstes veteranos pretenderam ter direito à concessão de terras numa

destas cidades. Falta de conhecimento perfeito dos dizeres da citada lei ou informações inexatas deram aos veteranos de Blumenau a impressão falsa de que o Governo imperial se furtava ao cumprimento do que prometera. Chegou-se a dizer que muitos haviam se alistado na esperança da posse de tais terras, mas a colonia militar mais próxima, a Colonia Militar de Santa Tereza achava-se sôbre o caminho de cargueiros que ia de Estreito, defronte de Desterro, à vila de Lages, em plena floresta virgem e a mais de 100 km do mais próximo ponto de colocação dos produtos coloniais da região. E como a posse destas terras sômente se tornariam efetivas desde que os interessados as ocupassem pessoalmente, cultivando-as, as desistências foram gerais.

Já desde a fase final da Guerra do Paraguai começara Santa Catarina a sofrer com a inconstância de seus governos, substituídos continuamente e todos alheios à provincia e às suas necessidades. Muitos destes não apresentavam qualidades administrativas e chegavam a Desterro apenas para ensaiar ou para fazer carreira politica no dizer de Lucas Alexandre Boiteux, em sua "História de Santa Catarina" de 1919. Um dos poucos e verdadeiros administradores na presidência de Santa Catarina foi então o Dr. João José da Silva, que de Outubro de 1873 a 1875 deixou traços de sua passagem, entre os quais o início de um monumento aos heróis catarinenses tombados no Paraguai em Desterro. No Congresso Nacional teve a Provincia daquela época como incansável propugnador do progresso da mesma o então Major de engenheiros Alfredo de Escragnolle Taunay (1843-1899), veterano da Expedição de Mato Grosso e da Guerra do Paraguai e um dos maiores romancistas e escritores brasileiros. Foi deputado, senador e presidente de Santa Catarina e nos deixou, entre outras obras, o romance "Inocência", de fama mundial, e a épica "Retirada da Laguna", historiando as desventuras da Expedição do Mato Grosso e seus feitos de cooperação e camaradagem que entusiasmam a quem lê aquêlo hino de glória e de tenacidade à fibra do soldado brasileiro!

A Colonia Imperial de Blumenau crescera, contudo, pois em 1867 tinha 3391 habitantes, em 1868 cêrca de 5126 e em 1880, quando se iniciou o processo de sua emancipação, chegara a 14.981 habitantes. Com a emancipação e criação do Município de Blumenau, por decreto provincial n.º 860, de 4 de Fevereiro de 1880, constituído das freguesias de Blumenau e Gaspar, entrava também aí a agitação política e ideológica que vinha agitando o Império desde o término vitorioso da Guerra do Paraguai. O abolicionismo e a propaganda republicana tomaram aí formas diferentes, pois em Blumenau surgiram então os amigos e os inimigos do engenheiro Dr. Joaquim Rodrigues Antunes, chefe da comissão encarregada das demarcações municipais e que casara aí com uma das filhas de Guilherme Friedenreich, transferindo-se em 1885 para São Paulo, onde falecera pouco tempo depois como alto funcionário da Inspeção de Terras e Colonização naquela provincia. Um mal-entendido e exageros bem explorados pelos adversários da atuação do Dr. Antunes nos assuntos de que antes se encarregava o próprio Dr. Blumenau, provocaram então o denominado "incidente no Warnow", por motivos de pagamento de salários devidos pelos trabalhos de construção de estradas e pontes. Temendo um motim, a comissão retirara-se para Itajaí e daí solicitara garantias ao Governo provincial. Este agiu precipitadamente, enviando o próprio chefe de policia e um destacamento de 20 praças, comandado por um official. A prisão de 3 colonos por estes motivos quase provocou um sério conflito que sômente pôde ser evitado com a intervenção apaziguadora do Dr. Blumenau e do Dr. Antunes. Os 3 colonos presos arbitrariamente e conduzidos escoltados para Itajaí, foram aí absolvidos pelo tribunal do júri. Seu regresso motivou grandes festejos e manifestações.

A atitude dos componentes deste destacamento da força policial de Santa Catarina e, mais ainda, a do sub-delegado militar nomeado então para Blumenau o então 1.º Tenente Firmino Lopes Rêgo (1848-1913), official do Exército digno, severo, justiceiro e ponderado, acabou por serenar os ânimos. Graças a este bravo veterano da Guerra do Paraguai e que mais tarde se destacaria na defesa da ordem legal quando da Revolução Federalista, com duas promoções por atos de bravura e que chegaria a General de Brigada efetivo em 1905, reformando-se depois com a graduação de Marechal, manteve-se o prestígio da verdadeira autoridade e do nosso Exército entre os colonos, neste primeiro contato local direto em Blumenau!

Completada a emancipação por decreto de 18 de Março de 1882, realizaram-se as primeiras eleições municipais em 1.º de Julho do mesmo ano. Cessara, assim, automaticamente a administração pessoal do Dr. Blumenau como Diretor da Colônia Imperial, mas a obra colonizadora continuou, sofrendo, embora, os altos e baixos da politicagem, com o regimem de filhotismo e de perseguições, que caracterizou os últimos anos da monarquia entre nós. Em fins de 1884 abandonava o Dr. Blumenau com sua família o teatro de suas realizações grandiosas e retirava-se definitivamente para a Alemanha, onde iria falecer em 30 de Outubro de 1899, com 80 anos de idade, sempre com o seu pensamento voltado para este recanto do Brasil, onde construiu uma nova Pátria para muitos patrícios seus e para outros mais que no vale do Itajai ergueriam aquêlê modelar centro de progresso e de cultura em Santa Catarina!

Os resultados iniciais da emancipação da antiga colonia não foram animadores, pois também em seus negócios administrativos pairava falta de continuidade de então, graças aos influxos da política partidária imperial que vinha arrastando o país de maneira prejudicial ao progresso em todos os setôres. As fraquezas pessoais e o pouco tino político-administrativo do sábio e erudito 2.º Imperador do Brasil, mais e mais impregnavam as verdadeiras elites com as idéias republicanas e anti-monárquicas. Estas idéias medravam por sôbre o culto das tradições republicanas dos heroismos românticos conservados no decênio revolucionário da Guerra dos Farrapos, de 1835 a 1845 no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e, mais ainda, do convívio diário com os irmãos de armas platinos durante a Guerra do Paraguai, além, de reflexos culturais provindos da grande república anglo-saxônia da América do Norte!

Como era de se esperar, uma vez que as classes armadas nada mais são que uma parcela da nacionalidade em armas, estas idéias também frutificaram nos quadros dos oficiais. Estes sentiam que os sacrificios feitos nos charcos paraguaios de pouco haviam adiantado quanto ao desenvolvimento do país, onde se mantinha a escravatura negra como uma chaga maculando os foros brasileiros de nação culta e civilizada. Desde logo compreenderam que o regimem monárquico brasileiro estagnára-se na própria incapacidade orgânica de se reconstituir. A missão monárquica na organização nacional brasileira, a de reunir em tórno de uma bandeira comum todos os brasileiros, mesmo os de adaptação e os legitimistas dinásticos portugueses mais empedernidos, há muito que fôra plenamente cumprida. A eminência de um terceiro reinado sob a direção de uma imperatriz casada com um oficial estrangeiro, o Conde d'Eu, e a tentativa desesperada e inútil da herdeira em se tornar popular, decretando em 13 de Maio de 1888 a abolição da escravatura, sem indenizar cousa alguma aos grandes plantadores, acabaram por reunir todos os descontentes, inclusive os militares e os funcionários de tôdas as categorias, naquela jornada que em 15 de Novembro de 1889 derrubou a monarquia e implantou o regimem republicano no Brasil, integrando-o definitivamente no conceito americano de Estado.

Há muito que o velho Imperador D. Pedro II não mais governava. Limitava-se a nomear e demitir ministérios e a aprovar os atos destes. Estes ministros provinham quase todos das velhas famílias patriarcais enriquecidas nas grandes plantações mantidas com o trabalho do escravo negro. A questão da abolição da escravatura vinha apaixonando também aqui, como nos Estados Unidos de então, tôdas as correntes políticas. Em algumas províncias imperiais já haviam sido libertados todos os escravos, mas os grandes plantadores precisavam dêste trabalho para se manter. Quando a própria herdeira imperial, a Princesa D. Isabel, usando de suas atribuições de Regente, decretou, com uma simples assinatura sua, a abolição total da escravatura, todos estes plantadores passaram a apoiar o movimento republicano crescente desde a Convenção de Itú, em São Paulo, e as manifestações das Câmaras Municipais sul-riograndenses.

Um incidente entre um ministro civil pouco habil e alguns militares briosos, bem explorado pelos republicanos, agravou mais ainda a situação do Império moribundo. No momento em que o chefe militar mais prestigioso de então, o depois Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, aceitou chefiar o movimento irrompido em 15 de Novembro de 1889, tôda a guarnição do Rio de Janeiro se lhe agregou. Derrubado o ministério impopular, a República irrompeu como que espontâneamente. Poucos se opuzeram ao novo regimem, mas estes mesmos assim levados mais pelas ligações de carater sentimental para com o velho

monarca que para com a própria monarquia. Esta há muito desaparecera da quase totalidade dos sentimentos, tanto das elites como dos populares. Bastou um empurrão e um golpe militar chefiado por um republicano, o chefe militar mais graduado do Rio de Janeiro, para inaugurar um novo regime e implantar uma nova era no Brasil, abrindo-lhe o caminho brilhante de seu crescente progresso, rumo ao seu grande porvir!

Em Blumenau grandes foram também, como em todo o país, as esperanças no novo regime que prometia acabar com aquelas modificações continuadas de antes no âmbito administrativo. Ai surgiram como chefes republicanos dois elementos novos e até então completamente alheios ao partidarismo extinto, os Drs. José Bonifácio da Cunha e Victorino de Paula Ramos. Aquêles era médico e viera para Blumenau em procura de clima propício ao tratamento de sua saúde abalada durante os trabalhos iniciais da construção da via-férrea Madeira-Mamoré, na Amazônia meridional. Como profissional emérito e desde logo denominando o idioma privado dos colonos, impôs-se a todos ai. O mesmo se dera quanto ao outro, novo Chefe da Comissão de Terras e Colonização, que ficaria em Blumenau até ser nomeado Delegado-Geral da mesma comissão por Santa Catarina, transferindo-se para Desterro. Ambos haviam chegado ai em fins de 1886. Organizaram desde logo todos os partidários do novo regime e isto foi de grande valia para a antiga colonia, principalmente ao ser empossado em Desterro o primeiro governador provisório republicano, o então 2.º Tenente de Artilharia Lauro Severiano Müller (1864-1926).

Fôra "com verdadeira surpresa" que "viram os catarinenses chegar o jovem tenente para assumir o governo do agora Estado no dia 26 de Novembro daquele ano, trazendo para seu secretário o Tenente Carlos Augusto de Campos (1855-1928), depois General de Brigada em 1913, como referiu o Almirante Henrique Boiteux em "Santa Catarina no Exército", publicado em 1942 pela Biblioteca Militar, no Rio de Janeiro. Graças à sua atuação ai foi o jovem Lauro Müller promovido a 1.º Tenente, por decreto de 7 de Janeiro de 1890, por serviços relevantes à República.

O futuro General de Divisão Lauro Severiano Müller, depois Senador da República e diversas vezes Governador de Santa Catarina, não era natural de Blumenau, mas vivera durante algum tempo perto de Itoupava-Seca Altona, hoje incorporado ao perímetro urbano da atual cidade. Daí suas ligações com a população local, entre cujos habitantes haviam muitos provindos da antiga colonia de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829, a primeira organizada com colonos alemães na então Província, uma vez que o avô paterno do referido militar e político catarinense viera de Cochem sôbre o Mosela, Alemanha ocidental, diretamente para a nova colonia. Chamava-se o avô Johann Müller e com sua familia viera o filho de 15 anos Peter Müller, que após trabalhar nas florestas daí, mudara-se com um irmão, Jacob Müller, para Itajaí, abrindo um negócio que pôde prosperar. Do casamento de Peter Müller com Anna Michels nasceria em Itajaí, em 8 de Março de 1864, como 5.º filho, o nosso Lauro Severiano Müller. Desde as primeiras letras êste soubera destacar-se dentre os companheiros que o chamavam de "o sabe-tudo". Aos 16 anos mudava-se para o Rio de Janeiro, inicialmente destinado ao comércio. Mas ai entusiasmara-se pela carreira das armas, matriculando-se na Escola Militar da Praia Vermelha em 24 de Fevereiro de 1882, sendo nomeado alferes-aluno por decreto de 21 de Março de 1885. Foi promovido a 2.º Tenente de Artilharia em 23 de Janeiro de 1889. A proclamação da República, em cujos acontecimentos se achara como um dos ajudantes de ordem do Generalíssimo Deodoro da Fonseca, montado a cavalo ao lado dêste, o encontrara como adjunto de professor da mesma Escola Militar. Êste entusiasmo republicano valera-lhe a nomeação, aos 26 anos de idade, para primeiro governador provisório de seu Estado natal no novo regime. Durante a sua gestão foi substituído várias vezes, ora pelo 1.º Vice-Governador Farmacêutico Raulino Julio Adolpho Horn, ora pelo 2.º Vice-Governador Coronel Gustavo Richard.

As velhas dissensões continuaram a medrar e assim formou-se em Blumenau um pequeno agrupamento politico de antigos conservadores e liberais que, mais tarde, formariam em Santa Catarina o denominado Partido Federalista, chefiado pelo notário e escrivão de órfãos Elesbão Pinto da Luz. Mas a maioria dos antigos colonos era partidária do novo regime e nas eleições para a administração municipal em Março de 1890 o "Partido Republicano" obteve

1849 votos contra apenas 88 dos contrários. Entrementes retirara-se de Blumenau o Dr. Victorino de Paula Ramos, sendo substituído pelo Chefe da Comissão de Terras e Colonização de Tubarão, Dr. Hercílio Pedro da Luz, primo do já citado chefe federalista. Os temores generalizados ante o parentesco citado não procederam, uma vez que o novo Chefe da Comissão de Terras e Colonização era um republicano quase fanático.

Quando dos sucessos que no Rio de Janeiro levaram o Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca, eleito pelo Congresso Nacional como 1.º Presidente constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil, a tentar o golpe de estado da dissolução do mesmo Congresso e consequente ato de renúncia do mesmo como Presidente, experimentaram os oposicionistas apossar-se dos governos estaduais. No Rio de Janeiro assumira a chefia do executivo o Vice-Presidente Marechal Floriano Peixoto (1842-1895), cuja energia na manutenção da ordem lhe daria o cognome de "Marechal de Ferro".

Em Santa Catarina começaram os oposicionistas a exigir também a renúncia de Lauro Müller, eleito em 1.º de Julho de 1891 Governador constitucional do novo Estado, iniciando sua atitude com um atentado que falhou. Nos municípios de preponderância republicana formaram-se logo batalhões provisórios para apoiar o Governador. De Blumenau partira em 27 de Dezembro de 1891, via fluvial e marítima, um destes contingentes, forte de cerca de 100 homens armados, chefiados politicamente pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz e teoricamente sob o comando do Tenente-coronel Francisco da Cunha Silveira, embora seu comandante de fato fôsse o veterano da Guerra do Paraguai, Capitão Guido von Seckendorf, escrivão da Intendência Municipal. Esta "Expedição a Porto Belo", como ficou denominada, não chegou a atingir Desterro, pois Lauro Müller preferira renunciar a provocar uma luta civil entre seus coestaduanos. Passara o Governo ao então Major Firmino Lopes Rego, retirando-se para o Rio de Janeiro. Quanto aos expedicionários de Blumenau, regressaram indignados, mas desta vez pela estrada de Nova Trento até Brusque e daí para suas casas.

O Major Firmino passou o cargo recebido de Lauro Müller a uma Junta constituída de diversas personalidades, como em todos os demais estados da nova República, nos quais os elementos saudosistas passaram a apoiar a atitude de Deodoro e os republicanos a colocar-se ao lado de Floriano. Começara, assim, a agitação com a deposição de todos os governadores que tinham apoiado o golpe de estado de Deodoro, ou que não se haviam manifestado contra o mesmo. Além da agitação produzida por isso em todo o país, começaram a surgir as primeiras atitudes francamente revolucionárias, como uma revolta na Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, imediatamente abafada. Seguiu-se o manifesto chamado dos "treze generais", exigindo do Governo da República que se fizesse proceder à novas eleições para Presidente, desde que o Generalissimo Deodoro renunciara. Rebateu Floriano à intimação reformando os generais, e logo depois deportando-os. Esta atitude enérgica desconcertou a muitos que passaram a dar o seu apóio incondicional ao Vice-Presidente em exercício.

Em Santa Catarina a Junta passara a perseguir os partidários republicanos de Lauro Müller, restaurando, assim, o odioso sistema dos últimos tempos da monarquia. Os municípios de Blumenau, Brusque e Tijucas procuraram fazer frente às arbitrariedades da Junta, mantendo as próprias autoridades locais legitimamente eleitas. Nestas localidades mantiveram-se os Batalhões de Voluntários cívicos, com os quais Tijucas pôde obrigar a um destacamento policial mandado de Desterro ao regresso, o mesmo sucedendo em Brusque, graças ao auxílio de 20 republicanos decididos de Blumenau. Quanto à Itajaí, embora terra natal de Lauro Müller, havia aderido prontamente ao novo Governo estadual. Enganado pelas aparências e pelos manejos dos federalistas, aceitou o Marechal Floriano a situação criada em Santa Catarina e nomeou seu interventor o Tenente Manuel Joaquim Machado, empossado em 1.º de Março de 1892 e que tantos ódios havia de semear naquele Estado.

Os partidários da Junta tudo haviam feito para evitar uma aproximação entre os partidários republicanos de Lauro Müller, de Blumenau, e o novo emissário de Floriano. Obtiveram do Tenente Machado ordem para um destacamento policial de 45 homens, comandado pelo Capitão Servílio Gonçalves, ocupar a Câmara Municipal de Blumenau e entregá-la, a força, à autoridade federalista indicada por Elesbão Pinto da Luz. Nesta ocasião também os praças

dêste destacamento deixaram bom nome entre os habitantes de Blumenau, dado o seu procedimento discreto e amavel, deixando muitas amizades.

Começou logo o Tenente Machado a reorganizar a Força Pública, para garantir-se, remodelando a Magistratura estadual e determinando a eleição de novos deputados ao Legislativo do Estado. Este, contando com a abstenção absoluta de todos os republicanos de Blumenau, tinha entre seus membros Elesbão Pinto da Luz e Leopold Engelke, e pôde eleger para Governador do Estado o próprio Tenente Manuel Joaquim Machado e para Vice-Governador, o popular catarinense Tenente-Coronel Eliseu Guilherme da Silva, inteiramente dedicado à política do anterior. Nas eleições municipais que se seguiram, demonstraram os republicanos de Blumenau toda a sua pujança, pois venceram com 1.174 votos contra 69 dos federalistas.

Entrementes começavam a repetir-se os motins em todos os Estados, devido à deposição anterior dos governantes legitimamente eleitos. Também em Blumenau as cousas andaram agitadas, graças à atitude desassombrada do Dr. Hercílio Pedro da Luz em face das chicanas continuadas dos representantes do Tenente Machado e a uma série de violências que aí se cometiam para intimidar a maioria republicana em oposição ao Governo estadual, francamente partidário do Partido União Federalista. O fato mais lamentável foi o incidente provocado pelo destacamento policial em 8 de Junho de 1893, disparando suas armas contra uma reunião politico-recreativa republicana que se realizava em Blumenau, no Hotel Christian Schmidt, no qual, felizmente apenas resultou alguns ligeiros ferimentos.

Violências e perseguições alastravam-se por todo o país, tanto da parte dos republicanos como dos federalistas, e, assim, surgiu o inevitável rompimento com o deflagrar da denominada Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, em 2 de Fevereiro de 1893, quando 600 homens, chefiados por Gumercindo Saraiva (1852-1894), o futuro General revolucionário de maior projeção e verdadeiro campeador à moda gaúcha, e por Vasco Martins, Coronel revolucionário, transpando a fronteira uruguaio-sulriograndense no Açuá iniciavam o movimento. Naquele Estado sulino havia sido reempossado em 17 de Junho de 1892 o antigo Presidente legitimamente eleito, Dr. Julio Prates de Castilhos (1859-1903). Neste encontrara o Marechal Floriano um auxiliar decidido e enérgico para fazer frente à revolução que conflagrava todo o Estado. Esta contava desde o seu começo com as simpatias dos auxiliares do governo catarinense do Tenente Machado que em 24 de Abril de 1893 rompera com o Marechal Floriano, em enérgico manifesto. É que desde a Ilha de Santa Catarina e imediações fronteiras, de Itajaí à Laguna, tudo indicava ser a maioria francamente favorável ao Partido Federalista. Estas aparências continuavam enganando o Marechal Floriano que pouca importância dava à concentração republicana em torno de Blumenau e onde o ardoroso Dr. Hercílio Pedro da Luz organizara o centro de resistência contra os partidários de seu primo Elesbão Pinto da Luz, então deputado estadual federalista, e do próprio Tenente Machado.

Os ânimos estavam exaltados e por sobre Santa Catarina pairava uma atmosfera pesada, prenúncio de terríveis acontecimentos. Na Capital Federal reaproximara-se o Marechal Floriano dos congressistas republicanos do grupo de Lauro Müller, chefiados então pelo Major Felipe Schmidt (1859-1930), filho de um colono alemão de mesmo nome e natural de Idar, no então Principado de Birkenfeld, chegado em 1856 ao Brasil, estabelecido primeiro em Lages e depois em Desterro. Fôra chefe de Polícia no Governo Lauro Müller e mais tarde, por diversas vezes, eleito Governador de Santa Catarina e senador federal, falecendo como General do Exército, a cujos quadros pertencera desde sua matrícula na Escola Militar, em 1877.

Coube ao Major Felipe Schmidt, como deputado, denunciar o Governo do Tenente Machado como revolucionário, graças à mensagem dêste lida em 6 de maio de 1893 ao Congresso Estadual em Desterro. Pronunciado pela justiça federal, teve o Tenente Machado que passar o cargo ao já citado Eliseu Guilherme da Silva, ferrenho federalista. "A população catarinense dividia-se pelos dois Partidos adversos", como escreveu o Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em sua obra sobre História e Evolução de "Santa Catarina", publicada em 1937, pela Companhia Editora Nacional, na série Brasileira, São Paulo, embora declarando que "as tendências populares eram fracamente favoráveis à revolução riograndense, as simpatias ini-

ludivelmente revolucionárias", o que só era verdadeiro para as regiões de povoamento antigo e não para as regiões e municípios de colonização teuta, onde os partidários republicanos favoráveis ao Marechal Floriano constituíam maioria de fato.

E continua o Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral:

"Em 1893, a campanha contra Floriano era intensa. Ao mesmo tempo que eram os rebeldes apontados como libertadores e salvadores da Pátria, o Presidente da República era apontado como um déspota, prestes a instalar a ditadura militar indefinida. Atribuíam-lhe intenções pouco democráticas, planejar e executar atos atentatórios à liberdade pública, ao regime instalado em 89 e às suas instituições.

"Não se admirará assim, que as fileiras dos simpatizantes pela causa revolucionária crescessem enormemente, embora se não conhecesse com absoluta exatidão os propósitos revolucionários.

"Com efeito, a propaganda apontava as tropas rebeldes como libertadoras, mas os seus chefes nutriam ideais diversos, oscilando com as tendências pessoais de cada um, só aos poucos desvendados, à medida que as forças avançavam e que, no seu entusiasmo, os chefes iam abrindo o coração e descerrando os lábios.

"Nos primeiros momentos eles se apresentavam confusos e imprecisos, apesar do que a mocidade acudia às fileiras libertadoras, procurando dar combate ao governo florianista, que a pureza do regime conspurcara, conservando-se no Itamarati em flagrante desrespeito à constituição da República.

"A imponente manifestação popular de 10 de junho, em Desterro, dá bem uma idéia do arrebatamento da população, vivendo os chefes revolucionários e apupando Floriano. Julião da Serra Martins, comandante da guarnição federal nessa cidade, protestou contra ela e contra a convivência do Governo do Estado, mas de coisa alguma adiantou o seu protesto.

"O movimento de tropas, desde algum tempo, já era intenso. Em março, partira para o Rio Grande do Sul o Capitão Teófilo Cardoso com 120 praças do 25.º Batalhão e em abril outras tantas haviam seguido para a fronteira do Rio Grande, ao mando do Major Firmino Lopes Rego. Dera ainda o 25.º um pequeno destacamento para Blumenau, comandado pelo Ten. Alberto Camisão. A força policial o Ten. Machado aumentou de duas companhias e o congresso fixou o seu efetivo em 300 infantes e 50 cavalarianos. Em São José o Governador criou mais um esquadrão de cavalaria, composto de 100 homens.

"Hercílio Luz, em julho de 1893, resolveu dar um golpe político, a fim de garantir o governo aos elementos republicanos, amigos do Marechal Floriano Peixoto. Depôs, com Genuino Vidal, Juiz de Direito de Tijucas, e grande número de populares, a Câmara Municipal desta vila e repeliu um destacamento de meia centena de homens, mandado para capturá-lo. Reuniu-se em Blumenau a Paula Ramos, Bonifácio da Cunha e a outros elementos, organizando então uma pequena tropa. As Guardas Cívicas de Tubarão e Lages apoiam o golpe e tomam conta das respectivas intendências. Hercílio Luz é aclamado Governador e põe-se em marcha para a Capital, onde desembarca a 29 daquele mês, com a sua gente, hospedando-se no quartel do 25.º.

"A 23 de Julho, já Emilio Blum, Inocêncio Campinas e José Segui Jr. haviam intimado Eliseu Guilherme a renunciar o cargo de governador, não os atendendo o mesmo e sendo, por isso, felicitado por quantos se aliavam à causa revolucionária.

"As relações entre a tropa, fiel a Floriano, e o governo, a ele infenso, iam cada vez mais estremecidas. A 30, saíram as forças em demonstrativa passeata pelas ruas, com canhões e metralhadoras, formando à retaguarda o contingente de patriotas de Hercílio Luz.

"A luta estava declarada, entre o governo e a tropa federal. Aquêlê enrincheirava-se no Palácio, ante as manifestações de força desta.

"Na madrugada de 31, o Palácio é atacado. Morrem três homens e é ferido um, no interior da casa do Governo e, na Praça, dois maiores médicos são atingidos, morto um e ferido outro (Drs. Antonio da Cruz Cordeiro e Alfredo Paula Freitas) além de outros feridos. Os edificios públicos são ocupados pelos hercílitas e finalmente o próprio Palácio, tendo Eliseu Guilherme procurado abrigo na Capitania do Porto, ali instalado o Governo, ao mesmo tempo que Hercílio Luz fazia outro tanto no Palácio. O comércio e o Corpo Consular protestam contra esta dualidade e Eliseu dá a Floriano conta do acontecido.

“Se bem que não ignorando as francas simpatias do governo legal catarinense pelos revolucionários, e mesmo ainda que os seus correligionários se encontravam nas fileiras do Partido Republicano, Floriano temeu, ou não quiz certamente, dar mais um motivo para que o acusassem novamente de violador da Constituição, pois, frio calculador como era, não iria desprezar uma situação que lhe dava vantagens no Estado, em vésperas de ser invadido e onde — o que aliás sabia — não contava com o apóio popular. Reprovou o acontecido e exonerou Hercílio do cargo federal que ocupava. É provável que com isto quizesse dar mostras, Floriano, de que era antes de tudo um cumpridor fiél da lei e um respeitador da Constituição, ainda mesmo quando estas favorecessem os seus inimigos, inutilizando assim parte da propaganda destes. Por isso, não hesitou. Conservou e apoiou o Partido Federalista, reservando para mais tarde, certamente, o castigo, que viria cheio de ódio e de sangue pelas mãos de um coronel enfermo e sanguinário”.

Não citou o ilustre historiador catarinense os sucessos de Blumenau, senão mui superficialmente, embora fôsse daí que o Dr. Hercílio Pedro da Luz conseguira todo o seu poder e prestígio político. Há muito que a Câmara Municipal de Blumenau se achava em mãos dos republicanos, graças a vitória destes em eleições legítimas. Organizara-se aí um Batalhão de Voluntários, para o que fôra enviado de Desterro o já citado 1.<sup>a</sup> Tenente de Infantaria Alberto Camisão com algumas praças do 25.<sup>o</sup> Batalhão para o respectivo enquadramento. Cêrca de 160 homens se alistaram neste Batalhão Patriótico, os denominados “cívicos alemães”. Em 22 de Julho de 1893, em sessão solene da Câmara Municipal de Blumenau, ante grande massa de populares, foi, então, proclamado o Dr. Hercílio Pedro da Luz novo Governador Provisório de Santa Catarina e imediatamente empossado. Em proclamação ao povo catarinense, o Governador provisório justificou as razões desta sua revolução e declarou Blumenau como sede provisória do seu novo governo do Estado. Comunicado o fato para Desterro, a já referida comissão, constituída dos já citados Emilio Blum, Inocencio Campinas e José Segui Jr., foi intimar Eliseu Guilherme da Silva a deixar o governo e a passá-lo ao Dr. Hercílio Pedro da Luz. Mas aquêlê negou-se a atendê-los, pois sentia-se firmemente apoiado pelo Tenente Manuel Joaquim Machado e pelos partidários dêste. Declarou que o movimento de Blumenau era de pouca importância e que imediatamente seria sufocado, para o que determinou partisse um destacamento de cêrca de 200 homens da Força Policial, conduzidas pelo deputado e Major em comissão Elesbão Pinto da Luz, primo e adversário político do novo Governador provisório aclamado lá.

Eliseu Guilherme da Silva e o Tenente Machado contavam encontrar Blumenau desguarnecida e prender aí facilmente os chefes do movimento, os Drs. Hercílio Pedro da Luz, Vitorino de Paula Ramos e José Bonifácio da Cunha. Mas êstes haviam decidido acompanhar os Voluntários cívicos organizados aí pelo Tenente Camisão, fortes de 130 homens e armados de fuzis Comblains. De Pôrto Belo continuaram viagem até Desterro pelo vapor “Itapemirim” e, após desfilerem em trajes civis, mas em perfeita ordem e formatura, foram acantonados no próprio quartel do 25.<sup>o</sup> Batalhão. Assim, tomou parte na demonstração de força que precedeu à deposição do Vice-Governador em exercicio e à substituição momentânea do Governo Machadista pelo Governo provisório republicano do Dr. Hercílio Pedro da Luz. Estes elementos de Blumenau tiveram então participação ativa no golpe desfechado, golpe que não pôde ainda ser apoiado por Floriano Peixoto, pelos motivos já expostos.

Sôbre a expedição punitiva enviada então contra Blumenau, assim se referiu o historiador local José Deeke, no “Calendário Blumenauense”, de 1935, organizado e editado por José Ferreira da Silva:

“E enquanto se desenrolava tudo isso na Capital do Estado, marchou um grande contingente de policiais contra Blumenau, onde depois da partida dos voluntários não havia mais elementos de defesa alguma. Porém, mal se tinha espalhado a noticia da aproximação da tropa, quando também já se juntaram os velhos colonos, armaram-se com suas primitivas espingardas de caça e postaram-se no fim da cidade, além da casa para recepção de imigrantes, onde ergueram uma barricada de tábuas. Este empreendimento era bastante arriscado, pois os Blumenauenses contavam sômente 70 homens, pouco mais ou menos, armados com espingardas de chumbo de pouco alcance, ao passo que a policia vinha em número de 200 homens armados de fuzis Comblain e bem municidados.

Mas o povo de Blumenau sabia da sorte que o esperava se os policiais conseguissem entrar na cidade, disso pode se fazer idéia, considerando-se de como os próprios partidários do Governo Machadista cooperaram para repelir a força policial!

“As 3 horas da tarde do dia 28 de Julho anunciava a guarda avançada a aproximação do inimigo, e decorrido mais uma hora achava-se a tropa policial além da ponte de Wloch, 400 passos distantes da barricada dos Blumenauenses, e de lá deram a primeira descarga de 20 fuzis contra esta. Os Blumenauenses responderam o fogo, porém só poucas armas dos mesmos serviam para o combate, porque as outras não tinham o necessário alcance. Porém, mesmo assim, a vitória foi dos Blumenauenses, porque das muitas descargas que partiram da força policial, nenhum tiro atingiu a barricada, enquanto que os dos Blumenauenses caíram em sua maior parte no respectivo alvo. A Polícia, com a qual também se achava o Deputado Blumenauense Elesbão Pinto da Luz, teve por isso de retirar-se, fugindo em marcha forçada para Itajai, deixando no campo do combate 2 mortos, 9 feridos e 1 preso, perdendo um cavalo, 9 fuzis, diversas baionetas e muita munição”.

“Os Blumenauenses nada sofreram. Durante algum tempo temia-se que a polícia podia voltar para fazer outro ataque, porém, graças a Deus, começou em seguida uma época mais pacífica”, ao menos no que diz respeito às regiões coloniais catarinenses. Este sucesso, conseguido tanto pela atitude desassomburada do Dr. Hercílio Pedro da Luz e de seus partidários republicanos, como neste pequeno combate defensivo de cerca de meia hora, travado entre o Morro do Aipim e o rio Itajai-Guaçu, perto das propriedades dos Ratke, conhecido como “Combate no Ratke” ou “Combate no Morro do Aipim”, de 28 de Julho de 1893, trouxe para a população de Blumenau alguma tranquilidade e o respeito, tanto da parte dos revolucionários federalistas, como da dos legalistas republicanos! Max Humpel cita, na sua já mencionada crônica de Itoupava-Seca Altona, dentre os 70 defensores de Blumenau Gustav Dietrich, Carl Liesenberg, Rich Parucker, Gustav Grahl, Viktor Gätner e Wilhelm Grassmann. Feddersem encarregou-se do remuniamento, Otto Jennrich de refrescos e Gustav Persuhn da alimentação. Maior mortandade na Força Policial foi evitada pelo tiro prematuro dado por Carl Hertel, o que alertou os atacantes, mas não os salvou da derrota!

Até hoje não se compreendeu bem a importância desta vitória dos republicanos de Blumenau naquele 28 de Julho de 1893! O próprio historiador catarinense citado anteriormente, o Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, e mesmo os irmãos Boiteux, pouca importância dão a este feito que impediu ao Governo Machadista de Desterro se apossasse do vale do Itajai e aí organizasse uma forte base de operações durante a Revolução Federalista, cujas vanguardas sul-riograndenses já se aproximavam daquela Capital e que vinham de encontrar novo alento com a revolta da armada no Rio de Janeiro, irrompida em 6 de Setembro seguinte. O Marechal Floriano, que sempre teve o apôio político da maioria dos moradores de Blumenau, compreendeu o que significava para o seu prestígio a atitude dos colonos e de seus descendentes aí, pois não atendeu aos pedidos de Eliseu Guilherme da Silva no sentido de enviar o Batalhão de Voluntários cívicos do Tenente Camisão para o interior do Rio Grande do Sul. Preferiu dispensá-lo, mandando seus componentes para casa, anistiando-os integralmente. Assim, o ódio dos Machadistas não os atingiu.

Após aparências de concórdia e compreensão, acalmando os ânimos de Blumenau, principalmente com a nomeação de um comissário-de-polícia imparcial e honesto na pessoa de Philipp Doerk (1860-1935), renovaram-se os ataques contra a autonomia municipal da antiga colônia no Congresso Estadual, em Desterro, destacando-se nestes ataques os Tenentes Leal e Sales Brasil. Estes apresentaram moções que deveriam riscar do mapa catarinense o Município de Blumenau, que deveria ser suspenso, seu território repartido entre outros e constituído em seu lugar o Município de Gaspar, e isto tudo porque as últimas eleições municipais tinham dado em Blumenau 1.174 votos republicanos e apenas 69 federalistas, isto é, governistas de então! No entanto, foi votada uma lei que retirava de Blumenau o distrito de Gaspar e o anexava ao de Itajai, de tendências mais federalistas. O distrito de Indaial foi declarado autônomo e criado o município, cuja instalação se procedeu com grande pressa. Procurara o 2.º Vice-Governador em exercício Christóvão Nunes Pires evitar estas decisões tomadas unicamente por vingança política, vetando as respectivas leis,

mas o Congresso Nacional de maioria federalista manteve a criação do Município de Indaial, o primeiro saído da antiga colônia. Idêntica vingança política seria executada mais tarde, em Fevereiro de 1934, quando se tornaria efetivo o retalhamento do antigo Município de Blumenau, do qual se desmembraram os distritos de Hamônia, Indaial, Timbó e Gaspar, a-fim-de constituírem novos municípios. Isto também unicamente por motivos eleitorais, como em 1893, isto é, porque os republicanos mantiveram suas posições, vencendo por maioria esmagadora, por quase 500 votos, os candidatos prestigiados pela Interventoria Federal do Estado de Santa Catarina!

Entretentes, com a revolta da esquadra, sob a chefia do Almirante Custódio José de Melo, irrompida em 6 de Setembro de 1893, começava por transformar a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul num verdadeiro movimento contra o Governo Federal, exercido então pelo Marechal Floriano. Enquanto este regia no Rio de Janeiro, alguns navios forçavam a barra e foram procurar ligação com os federalistas sulinos. Navios rebeldes entraram em São Francisco do Sul e inutilizaram aí a rede telegráfica. No dia 25 de Setembro surgiram à barra Norte do porto de Desterro e, depois de trocarem alguns tiros com as forças legais do comando do então Coronel Julião Augusto de Serra Martins (1841-1906), que faleceria como General de Brigada, penetraram pela barra do Sul e intimaram a Capital à rendição. Esta capitulava a 29 e imediatamente o comandante da esquadra rebelde, Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Lorena recebe a adesão incondicional do Governo e do Congresso catarinenses. Este declara nula e pronuncia contra o Tenente Machado, que reassume o Governo do Estado, para depois passá-lo definitivamente ao Tenente Sales Brasil. Os acontecimentos precipitaram-se e em 14 de Outubro de 1893 o Comandante Lorena era aclamado Presidente do Governo Provisório da República, instalado solenemente em Destêrro, também declarada sede provisória do novo Governo. Apesar das medidas defensivas tomadas, o poderio revolucionário limitou-se de Desterro à Laguna e um pouco à região do Rio Negro, onde se constituiu um destacamento para fazer frente às forças federais em organização em Curitiba e das quais faziam parte o Capitão Lauro Müller, o Major Felipe Schmidt e o Dr. Hercílio Pedro da Luz.

A respeito dos acontecimentos de Desterro, pouco ou quase nada se soube em Blumenau, a não ser boatos provocados pelas demissões de funcionários federais locais, como a substituição de Santos Lostada, chefe interino da Comissão de terras desde a partida do Dr. Hercílio Pedro da Luz, por Paulo Schwartzert e a dispensa do Dr. José Bonifácio da Cunha como médico da mesma. Notícias mais circunstanciadas vieram depois, quando os próceres republicanos fugitivos passaram por Blumenau, vindos de Desterro e proximidades. Entre estes achava-se também o Dr. Paula Ramos, que passou a residir novamente aí. Em Itajaí encalhou o vapor-frigorífico "Pallas", que trouxera do Rio de Janeiro os chefes da marinha revoltada. Outras embarcações fluviais em uso no rio Itajaí-Guaçu haviam sido requisitadas e armadas em guerra.

Quando das primeiras notícias de haverem forças federalistas do Rio Grande do Sul penetrando território catarinense, continuava Blumenau calma e à margem dos acontecimentos, graças aos sucessos anteriores, como já foi mencionado. Repentinamente, em 25 de Novembro de 1893, apresentavam-se aí emissários da vanguarda revolucionária do General Paulino das Chagas, chefidos pelo Tenente Jorge Wallau, e imediatamente reuniram-se as autoridades municipais de Blumenau e de Indaial para entabularem negociações sobre passagem livre ao denominado 1.º Corpo do Exército Libertador Riograndense, comandado pelo destemido lidador gaúcho e revolucionário General Gumercindo Saraiva, cuja personalidade dominaria todo aquele período agitado da História do Brasil, tendo como únicos rivais as do próprio Marechal Floriano Peixoto e do Almirante Luís Felipe Saldanha da Gama (1846-1895). Mais restritos ao cenário sulriograndense, poderíamos citar as personalidades do chefe político Dr. José Gomes Pinheiro Machado (1852-1915), nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, e oriundo de tradicional família paulista de Piracicaba.

Vinham as forças federalistas perseguidas de perto pelas republicanas da famosa Divisão do Norte, organizada por Pinheiro Machado e cujo comando este mesmo dera ao General Francisco Rodrigues Lima. Aquelas, já constituídas em 1.º Corpo, ao comando de Gumercindo Saraiva, e em 2.º, ao comando do General Luis Alves Leite de Oliveira Salgado, antigo Coronel comandante do

6.º Batalhão de Infantaria do Exército, haviam tomado o rumo de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, sempre perseguidas de perto por Pinheiro Machado, verdadeiro chefe da citada Divisão do Norte. Em princípios de Outubro de 1893 os revolucionários ocupavam Cruz Alta e dias depois Passo Fundo, de onde marcham para Lagôa Vermelha e Vacaria. Ai acampam em 1.º de Novembro, fortes de 3.000 homens, após haverem percorrido mais de 1.200 km desde a junção das forças de Gumercindo e de Salgado, entre São Sepé e Encruzilhada, em Agosto do mesmo ano. Sempre combatendo haviam chegado ao extremo Norte do Rio Grande do Sul, às margens do rio Pelotas. Daí resolveram os federalistas procurar a cooperação dos revolucionários da Esquadra que se achavam em Desterro, com um Governo Provisório da República. Pisando, pouco depois, terras de Santa Catarina, rumo a Lages, cometeu o General Salgado o erro insanável de ligar a sorte de seus soldados ao do "governicho" instalado em Desterro, enleando-se desde aí na teia da politicagem desenfreada e sem ideal certo que campeava nas ruas, nos hotéis, no porto e no próprio palácio do governo da capital catarinense". Gumercindo Saraiva, não; preferiu continuar noutro rumo, enquanto o General Salgado seguia para Leste, pelo caminho que conduzia a Tubarão, ao litoral, para Laguna e daí para Desterro. Deixou-se este manobrar por aí, em idas e vindas ineficazes entre estas localidades, pela gente do "governicho", agitado pelas paixões partidárias dos políticos gaúchos Demétrio Ribeiro e João Barros Cassal († 1903), "aos quais os federalistas responsabilizavam, em parte, pela situação criada no Rio Grande do Sul, uma vez que deixaram Julio de Castilhos empolgar o poder e conquistar o apóio do governo federal".

E continuou o historiador Castilhos Goycochea em sua biografia gauchesca de "Gumercindo Saraiva na Guerra dos Maragatos", editada em 1943 no Rio de Janeiro:

Gumercindo Saraiva "seguiu avante para o Norte, à frente dos 1.600 guerreiros veteranos de seu invicto 1.º Corpo, dando início à mais assombrosa marcha que registra a História Militar da América, superior sem dúvida à de San Martín que levou dois anos a ser preparada pelo governo de dois ricos países. Era um pequeno exército ao qual tudo faltava, menos a fé num ideal e a bravura. As armas que carregam eram as velhas lanças de outras épocas, espadas já comidas pela ferrugem e pelas pedras de amolar, espingardas de cano liso, e poucos fuzis modernos tomados às forças do governo; escassas eram as reservas de munições e de viveres; quanto às roupas: xiripás e bombachas, ponchos palas e de vicunha, casacos, túnicas e blusas de todos os feitios e dos mais variados tecidos; como calçado, desde as botas de potro às botinas de duraque, dos chinelos cara de gato às sandálias de couro cru".

"Enquanto o General Oliveira Salgado desesperava na costa do Oceano, prisioneiro das circunstâncias que lhe foram criadas por sua inadvertência ligando-se aos políticos em ação no Desterro, o General Gumercindo Saraiva fôra forçando as portas da glória a golpes de coragem, de audácia, de bom senso e de lealdade ao ideal que esposara. De Lages seguira para Curitiba e de Curitiba para Blumenau. O último trêcho desse percurso é façanha homérica: 216 km por picada ínvia, de caminhos intransitáveis, onde não há pasto para os animais e nem viveres para os homens. À frente esperava-o uma incógnita; na retaguarda, acossando-o a cada instante do dia e da noite, as avançadas da Divisão do Norte, apercebidas de todos os recursos. Combateu em Blumenau logo que deixou a famigerada picada, e combateu em Itajaí, onde desabusa a vanguarda dos perseguidores. Em Itajaí, parte de suas tropas embarca para Joinville e parte para Paranaguá. Aquelas enfrentariam e venceriam as resistências que lhes oporiam as guarnições de Tijucas e de Lapa; estas também enfrentariam e venceriam a resistência das forças governamentais e encasteladas nesse porto. Ambas as partes tornariam a se reunir em Curitiba, em Fevereiro de 1894, passando a exercer domínio completo e absoluto em todo o território do Estado do Paraná".

"É necessário assinalar, nesta altura, que a tomada de Paranaguá teve o auxílio da esquadra ao mando do Almirante Custódio de Melo, o qual, desesperado de obter qualquer bom êxito na baía de Guanabara, tinha-a abandonado a 30 de Novembro do ano anterior, rumando para Santa Catarina. Ia se apoiar nos elementos da revolução que êle próprio havia combatido como Ministro da Marinha, repetindo dess'arte o que fêz o Padre Diogo Antonio Feijó,

que, como Regente do Império combateu os Farrapos associando-se a eles mais tarde, ao deixar o cargo”.

Foi após vencer a referida picada e o caminho de Indaial que o Tenente Jorge Wallau, já citado, procurara passagem livre pela região colonial de Blumenau. O encontro acima citado, constituiu apenas ligeiro tiroteio das vanguardas revolucionárias com pequeno contingente de vigilância localizado no desembocar da mesma estrada. Este contingente retraiu-se para o Norte e não para Blumenau. No mesmo dia 25 de Novembro de 1893 as autoridades de Blumenau e de Indaial publicaram um manifesto à população, comunicando que haviam permitido livre passagem aos soldados revolucionários dos Generais Gumercindo Saraiva e Paulino das Chagas e que com a atitude de neutralidade tomada ficariam garantidas vidas e propriedades. Assinavam este manifesto o comissário de Polícia Felipe Doerck, Leopoldo Hoeschl pela municipalidade de Indaial e Henrique Probst pela de Blumenau.

O procedimento dos federalistas foi ai digno de elogios, pois a palavra dada pelos seus chefes foi religiosamente cumprida. Após permanecer algumas horas em Blumenau, continuou o General Gumercindo Saraiva sua marcha. As crônicas da época o descrevem como um homem de aspecto viril e agradável, respeitador e muito amavel para com todos. Perseguido pela Divisão do Norte, forte de cerca de 3.200 homens, com metralhadoras e 22 peças de artilharia, a coluna revolucionária continuou o percurso anteriormente descrito, sendo sua retaguarda alcançada ainda no pôrto de Itajai, onde os navios revolucionários haviam recebido a bordo os contingentes destinados a Paranaguá e a Joinville. Foram os chefes republicanos muito bem tratados pela população de Blumenau que procurou auxiliar em tudo aos bravos soldados da Divisão do Norte, fornecendo-lhes roupagens e alimentação e isto gratuitamente.

O General Rodrigues Lima e o Senador Pinheiro Machado determinaram imediatamente a mobilização da Guarda Nacional de Blumenau, ordem publicada em 12 de Dezembro de 1893 e assinada pelo seu comandante superior, coronel Dr. José Bonifácio da Cunha. Encarregou-se esta Guarda Nacional da vigilância do Quartel e das passagens do Testo-Luz e do Adda-Garibaldi. Estes elementos deveriam cobrir a marcha da Divisão do Norte sobre Desterro. Esta missão pôde ser cumprida galhardamente pelos Blumenauenses que conseguiram repelir incursões revolucionárias num Combate no Jaraguá do Sul e no passo da Luz. Mas o plano republicano fracassou, uma vez que o mar se achava em poder dos revolucionários e assim estes poderiam encurrular as forças federais no litoral catarinense. Voltaram assim os soldados republicanos para Blumenau e daí retiraram-se novamente para o planalto. Temendo perseguições futuras, passaram a acompanhar estas forças alguns dos próceres republicanos de Blumenau, como o Dr. José Bonifácio da Cunha, o Dr. Victorino de Paula Ramos, Francisco da Cunha Silveira, Santos Lostada, Fides Deeke e Caetano Deeke.

E nisto fizeram bem, pois com a reocupação de Blumenau, desta vez por forças revolucionárias diferentes das disciplinadas de Gumercindo Saraiva, surgiram algumas perseguições e violências. Comandava estes revolucionários o General Laurentino Pinto Filho, o mesmo que tempos depois se destacaria pela sua fraqueza ante a cidade de Rio Grande, e acompanhava-o o Deputado blumenauense Elesbão Pinto da Luz com a graduação de Major revolucionário. Graças a este se evitou a execução capital contra Carl Renaux, o industrial e chefe republicano de Brusque, que fôra condenado à morte pelo referido General Laurentino. Foi esta também a única condenação à morte proferida em Blumenau, mas não executada. No entanto foram completamente destruidas as oficinas do “Blumenauer Zeitung” (Jornal de Blumenau), de tendências republicanas. Este jornal somente pôde reaparecer após a vitória republicana e graças aos recursos reunidos pelo Dr. Hercilio Pedro da Luz, eleito e empossado em 28 de setembro de 1894 no Governo catarinense.

Depois, após curto período em que permaneceu como comandante de Blumenau o teuto sulriograndense Tenente-Coronel Essig, encarregado de arrecadar todo armamento existente na antiga colônia, nada mais houve que perturbasse a vida de trabalho e de progresso de Blumenau até o final daquela sangrenta Revolução Federalista, cujo fastígio aparente acabava de se desmoronar na heroica defesa da Lapa, e a ocupação de todo o Paraná pelo General Gumercindo Saraiva. Politicagem local e o fracasso da revolta da armada, dirigida

no seu período final pelo nobre e viril Almirante Saldanha da Gama, evitaram fôsse iniciada a invasão de São Paulo, onde a situação governamental chegara a ser bastante crítica.

Mas esta Revolução Federalista, originada no Rio Grande do Sul como combate a uma situação local de política, iniciara-se sob maus auspícios. Questões políticas locais catarinenses e pernambucanas e mais a revolta da armada no Rio de Janeiro fizera com que se estendesse por todo o Sul do país como movimento contrário à ditadura florianista, reunindo todos aqueles que combatiam o governo central desde o advento da República. Variando os ideais e as opiniões, também variaram os seus mentores militares e políticos. Por este motivo teria que fracassar com a desagregação que não tardaria. Fendendo-se o bloco revolucionário, firmou-se a posição do Marechal Floriano e isto salvou o Governo Federal do Rio de Janeiro.

Quando Saldanha da Gama conseguiu obter uma concentração de todos os meios revolucionários ainda disponíveis no Rio Grande do Sul, era tarde. Mesmo assim o General Gumercindo Saraiva iniciava em abril de 1894 a sua marcha de regresso e após penosíssimo percurso atingia Campos Novos, no Sul catarinense. Só daí em diante recommençaram os combates com a Divisão do Norte, a tenaz e incansável adversária. Entrementes fracassara o ataque preparado diante de Rio Grande pelos remanescentes do 2.º Corpo, comandado pelo General Oliveira Salgado, e pelos soldados reunidos em Santa Catarina pelo "governicho". Fraquezas e indecisões, principalmente da parte do já citado General Laurentino Pinto Filho, fizeram com que a expedição tivesse triste e melancólico fim, entregando suas armas ao governo uruguaio, e obrigando ao Almirante Custódio de Melo a fazer o mesmo quanto aos navios que restavam da esquadra no pôrto de Buenos Aires.

A Revolução Federalista contava somente com o regresso das forças do General Gumercindo Saraiva, as quais tiveram que enfrentar aos seus perseguidores num duelo de morte terrível e decisivo junto de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Em 24 de junho de 1894 fizera Gumercindo junção com os elementos reunidos por Prestes Guimarães com viveres, munições, roupas e cavalos, pouco ao Norte de Passo Fundo. Completava, assim, o 1.º Corpo do Exército Libertador Riograndense um efetivo de cerca de 3 200 que, atravessando, dois dias depois o centro da referida cidade, encabeçado por banda de música, foi acampar pouco adiante, num sítio denominado Pinheiro Torto. A Divisão do Norte, integrada por forças do Exército Nacional, da Brigada Policial do Estado do Rio Grande do Sul e por formações patrióticas, ao comando sempre dos Generais Rodrigues Lima e Pinheiro Machado, postou-se à espera daquêle, no lugar denominado Umbú, que pouco distava de Pinheiro Torto. Os efetivos republicanos montavam 3 500 homens, mas esta diferença numérica reforçava-se ante o armamento destes, dispozo de metralhadoras e de canhões, enquanto que os federalistas só possuíam a cavalaria com suas armas brancas e suas lanças, além de poucas e obsoletas Mannlichers e pistolas de dois canos, de carregar pela bôca.

Na madrugada de 27 de junho de 1894 começou Gumercindo Saraiva o ataque ao inimigo que, inicialmente, se retrai para o sítio denominado Pulador. A batalha duraria aí das 8 horas da manhã às 5 horas da tarde, quando a pequena e reduzida infantaria revolucionária esgotou o que lhe restava de munição. A respeito desta Batalha de Passo Fundo, também conhecida como do Pulador, escreveu o já citado Castilhos Goycochêa:

"Peleja memorável essa do Pulador. Nela, não apenas foi decidida a sorte da Revolução Federalista, mas também foi o túmulo da bravura cavalheresca. Puseram-se em frente, aí, uma da outra, a ciência aplicada à arte da guerra e a coragem pessoal do homem. Foi o presente a desabutar o passado; foi o romantismo a ceder o passo ao realismo; foi, em suma, o gauchismo alcandorado da Guerra dos Farrapos fazendo sua derradeira grande manifestação de força ante as bôcas de cem metralhadoras e de vinte canhões. A lança tradicional quedou impotente nas mãos dos últimos centauros. A espada simbólica da valentia elegante recolheu-se envergonhada à respectiva bainha. Os tiros curtos das Mannlichers eram irrisórios ante os das modernas Mauser de longo alcance".

As perdas foram aí muito elevadas, de parte à parte. Perseguidos depois com maior vigor pela Divisão do Norte, Gumercindo e os seus tomaram o cami-

nho da fronteira do Uruguai, sendo alcançados no Caroví, nas Missões, onde o então comandante-em-chefe revolucionário foi mortalmente ferido, em 10 de agosto de 1894, vindo a falecer nesse mesmo dia. Acompanhava ao General Gumercindo Saraiva até aí o Deputado Blumenauense Leopoldo Engelke como Major Secretário do Estado Major General federalista, tendo assinado em 11 de agosto de 1894, com outros mais, a ata do enterramento do prestigioso chefe e caudilho no Cemitério dos Capuchinhos de Santo Antônio, no planalto do Nordeste sulriograndense, entre os rios Camaquam e Itacuruí, junto a estância de Antonio Morais. Continuou a revolução em suas guerrilhas, agora sem possibilidades de vitória. O último combate foi travado em 24 de junho de 1895 junto ao rio Quaraim, em Campo Osório, quando o nobre e bravo Almirante Saldanha da Gama, o último chefe militar da revolução, morreria pela honra e pela dignidade da marinha de outrora, da marinha das lutas no Prata e no Paraguai! Dias depois firmava-se, em 23 de agosto de 1895, em Pelotas, entre os Generais João Nunes da Silva Tavares, um dos bravos de Cerro Corá, e Inocêncio Galvão de Queiroz, comandante militar no Rio Grande do Sul, o documento da pacificação final, ratificada no dia seguinte pelo novo Presidente da República, Dr. Prudente José de Morais Barros. O Congresso Nacional decretou e o governo federal sancionou a seguir, em 21 de outubro, a anistia completa aos que direta ou indiretamente haviam tomado parte nos movimentos revolucionários de 1893 a 1895 no Brasil!

Em Santa Catarina, desde o ataque levado a efeito ao encouraçado "Aquidaban", em 16 de abril de 1894, haviam os chefes revolucionários abandonado Desterro e em 17 era esta ocupada pelas forças republicanas. Organizou-se aí um Governo Militar chefiado pelo Coronel Antonio Moreira Cezar, comandante do 7.º Batalhão de Infantaria, homem sanguinário e odiado por todos, inclusive companheiros e comandados, e que teria mais tarde merecido castigo às mãos dos fanáticos de Antonio Conselheiro, no interior da Bahia.

Moreira Cezar começou, como escreveu Lucas A. Boiteux em sua "História de Santa Catarina", oficialmente adotada, "insuflado por espíritos vingativos, a prender representantes de ambos os partidos e a mandá-los para as fortalezas de Ratonés e Santa Cruz onde, sem um processo sumário sequer, iam sendo fuzilados. Catarinenses distintos foram sacrificados". E completou o mesmo historiador em suas "Notas para a História Catarinense", de como "as denúncias, as delações se sucediam com frequência e Santa Catarina conheceu as páginas mais negras da sua história. As fortalezas se congestionaram de prisioneiros, uns que se não puderam exilar ou esconder à fúria sanguinária dos vencedores, outros que se não haviam por culpados e ainda outros que, tendo buscado refúgio no interior da ilha, nas casas dos amigos ou nos matos, foram denunciados pela nerversidade dos adversários, no seu incontido e desumano ódio partidário. Casas foram varejadas pela soldadesca em fúria; famílias, desprezadas".

E escreve Oswaldo Rodrigues Cabral em "Santa Catarina", que então "houve quem contasse a entrada na fortaleza de Santa Cruz de 185 prisioneiros, que dela não mais saíram". O número exato das vítimas sanguinárias de Moreira Cezar em Santa Catarina jamais poderá ser conhecido, mas entre as mais nobres contam-se, citadas ainda por Lucas A. Boiteux e completadas por depoimentos posteriores.

**MARINHA:** Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Lorena; 1.ºs Tens. Alvaro Augusto de Carvalho, Artur Augusto de Carvalho, Delfino de Lorena, Carlos Augusto de Melo Camisão e médico Dr. José Amado Coutinho Barata; aspirantes Pedro de Lorena e Alvaro da Mota.

**EXÉRCITO:** Marechal de Campo Manuel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Barão de Batoví e dos mais bravos e destemidos artilheiros da Guerra do Paraguai; Coronel Luiz Gomes Caldeira de Andrade; Ten-Cel. Sérgio Tertuliano Castelo Branco; Major médico Dr. Alfredo Paula Freitas; Capitães Romualdo de Carvalho Barros, Tobias Becker, Julio Cesar da Silva Lima, Luis Inácio Domingues, Antonio Manuel da Silva Coelho Junior; Ten. Brasileiro Alves do Nascimento; Alferes João Machado Lemos, Olimpio Saturnino Alves, Emidio Teixeira Teles de Azevedo e José Gomes da Silva Fraga; Cadetes Manuel Teles, Higino Schuttel, José Becker, Aquiles Constantino, Domingos Vieira de Souza e Raul de Sousa; Capitão reformado João Evangelista Leal.

**POLÍCIA:** Capitão José Bittencourt e Ten. Manuel Constantino.

**PATRIOTAS:** Coronel Israel de Sá (de quem dizem era exaltado florianista), Fernando Goulart e um filho dêste; Major Elesbão Pinto da Luz, o Deputado federalista por Blumenau e que salvou a vida de Carl Renaux.

**CIVIS:** Dr. Alfredo da Gama d'Eça (fuzilado abraçado com o pai), Dr. Joaquim Lopes de Oliveira (juiz de Direito); Dr. Carlos Guimarães Passos (Procurador Seccional); Desembargador Francisco Vieira Caldas, negociante Caetano Nicolau de Moura (dizem que por engano, pois deveria ser fuzilado Nicolau Neves); escrivão Miguel Cercal, fiscal da Câmara Miguel Cascais e Manuel Duarte (morreu na prisão).

**ESTRANGEIROS:** Engenheiro Edmond Buette, Charles Muller e Mr. Ettiene. Por via diplomática reclamaram as famílias dêstes e lhes foi paga, consta, a indenização de um milhão de francos.

No Paraná ainda se discute a responsabilidade dos assassinatos políticos cometidos friamente no km 65, onde foram fuzilados após a vitória republicana o Barão do Cerro Azul e seus companheiros de infortúnio, como também a responsabilidade dos marinheiros e soldados navais mortos miseravelmente na Ilha das Enxadas e dos civis assassinados no Realengo, no Rio de Janeiro, dos fuzilados da Imbiribeira, em Pernambuco, e dos sacrificados de Caraguatuba, em São Paulo, mas a dêstes de Desterro é lançada inteiramente aos ombros do Coronel Moreira Cesar. Quanto às matanças havidas então no Rio Grande do Sul ambas as partes se dividem as culpas, pois os degolamentos e fuzilamentos estavam na ordem do dia, desde o Rio Negro até ao Boi Preto! Os ódios aí eram tão exaltados que o próprio Dr. Julio de Castilhos, segundo João Maia em sua "História do Rio Grande do Sul para o ensino cívico", de 1920, não se sentiria satisfeito com as condições da pacificação firmada em 23 de agosto de 1895 entre vencedores e vencidos. O Dr. Julio de Castilhos "fazia questão de que os revolucionários se submetessem incondicionalmente, e como a paz não tivesse sido efetuada sôbre êsse fundamento pelo General Galvão de Queiroz, que era o delegado do Presidente da República, Castilhos rompeu em enérgica oposição contra o Dr. Prudente de Moraes".

Em sua "Formação Histórica do Brasil", referiu-se Pandiá Calogeras ao período de então, êle mesmo florianista por índole e tradição:

"O pavilhão republicano vitorioso panejava sôbre o campo de batalha; êste, entretanto, estava coberto de ruínas, de mortos e de feridos.

"Enterrar os mortos, cuidar dos que sofriam e reconstruir a cidade, tal era a missão do governo civil. Tarefa esta das mais difíceis e complicadas. O Senador Prudente José de Moraes Barros, que havia presidido a Constituinte com autoridade nunca discutida, e seguido rumo idêntico como vice-presidente do Senado Federal, fôra escolhido e eleito para essa incumbência, que bem merecia ser chamada de hercúlea.

"Em primeiro lugar, cumpria restaurar a paz. Não era sòmente questão de estancar o sangue que corria; o lado moral do problema era o mais importante: a guerra civil havia barbarizado o país, dividido aos brasileiros em dois campos inimigos, e tornando permanente o ódio entre os adversários. Desviava para lutas estêreis e ferozes, recursos e vidas duramente reclamados pela obra reconstrutora.

"Mas a revolução havia criado uma mentalidade especial, que sobreviveu às hostilidades. Os combatentes, quer as forças regulares, quer os voluntários, consideravam-se como heróis, apóstolos de um credo político, agentes unidos do triunfo da nova fé. Enquanto a batalha ia travada, tal psicologia poderia ser compreendida. Cessando, todavia, ao invés de voltar aos níveis antigos, tal feição espiritual ainda permanecia em armas, mobilizada, por tôda parte enxergando inimigos da República, julgando tudo segundo metros formados pelos dias de perturbação. Para muitos dêles, o tempo havia parado na contenda revolucionária, e não consentiam em que o passado fôsse o passado, e em que o que lá fôsse, lá tivesse ido".

Isto tudo foi evitado aos moradores de Blumenau, graças àquele pequeno e rápido combate do Morro do Aipim ou Combate no Ratke, ferido em 28 de julho de 1893, que afastou a antiga colônia das grandes agitações partidárias de então, muito embora a maioria fosse aí francamente republicana, isto é, partidária do Marechal Floriano, do Capitão Lauro Müller e do Dr. Hercílio Luz!

Apoiado pelo Governo do Dr. Hercílio Luz, reconstituiu-se desde logo o antigo Município de Blumenau, do qual Indaial voltou a fazer parte integrante até 1934, bem como o Distrito de Gaspar. Por decreto estadual de 28 de julho de 1894, um ano após o combate acima citado, viu-se Blumenau elevada à categoria de cidade. Os seus antigos chefes republicanos regressaram também e retomaram seus postos administrativos e a Intendência reconstituída em novas eleições. Tudo voltou à tranquilidade e ao trabalho... Naturalmente passaram-se todos estes republicanos florianistas à oposição, combatendo o novo Presidente da República com o recurso da abstenção às eleições presidenciais!

Somente em maio de 1910 retomaria Blumenau contato com o Exército, pois então transferira-se para aí a sede do 55.º Batalhão de Caçadores, quando da reorganização da defesa nacional iniciada pelo Ministro da Guerra Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca (1855-1923) e continuada depois durante a sua agitada presidência da República, de 1910 a 1914. O citado Batalhão teve festiva recepção da parte da população de sua nova sede e na mesma ocasião cerca de 20 jovens de Blumenau se alistaram como Voluntários de Manobras, constituindo-se em primeiros reservistas daquela região. Esta situação não durou muito, embora a oficialidade e os sargentos começassem a ligar-se por laços de boa amizade com os moradores, pois tendo irrompido no Rio de Janeiro um motim em alguns navios da esquadra, foi o 55.º Batalhão de Caçadores transferido para aquela Capital, para cooperar no combate aos marinheiros amotinados e de lá não mais regressou.

O serviço militar obrigatório e a Guerra Mundial de 1914 a 1918 veio encontrar muitos filhos de Blumenau servindo em diversas unidades do Exército, tanto em Santa Catarina como no Paraná, muitos participando assim da vigilância localizada no nosso litoral. Durante a Campanha do Contestado, movimento de origem política e de fanatismo sertanejo, esteve Blumenau ameaçada, mas graças ao envio do 58.º Batalhão de Caçadores, de Niterói, comandado pelo Tenente-Coronel Francisco Raul d'Estillac Leal, desembarcado em 5 de outubro de 1914 em Itajaí e logo destacado para o Rio do Sul, após marchar por Blumenau, onde esteve acantonado durante uma noite, livrou-se, bem como toda a região colonial das prováveis incursões dos fanáticos. Estes somente foram dominados em abril de 1915, com a conquista do reduto de Santa Maria, após grandes privações e duros combates no sertão.

Até aviação foi experimentada nesta campanha, tendo o Tenente-aviador Ricardo Kirk iniciado de União da Vitória o reconhecimento dos redutos dos fanáticos. Infelizmente, antes de poder prestar o tão esperado auxílio, tomava o aparelho de Kirk em 25 de fevereiro, durante um vôo até Caçador, perecendo tragicamente neste desastre. Foi a primeira vítima da aviação militar brasileira!

Após uma estadia passageira da Companhia de Metralhadoras do 8.º Regimento de Infantaria em Blumenau, logo mandado recolher-se em 1925 para a sua unidade sediada em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, voltou Blumenau a constituir definitivamente uma das guarnições federais, como sede do 32.º Batalhão de Caçadores, organizado em Valença, no Estado do Rio de Janeiro, e recebido com grandes demonstrações de regosijo, como o fôra o 55.º Batalhão de Caçadores em 1910. Desde então filhos de Blumenau servem nas fileiras desta unidade, atualmente transformada em 1.º Batalhão do 23.º Regimento de Infantaria, bem como em diversas unidades de elite da Guarnição da Capital Federal.

Também nesta última Guerra Mundial, de 1939 a 1945, à qual nosso Brasil se viu arrastado na defesa de seus interesses e de seus brios, filhos de Blumenau e moradores das regiões que antes de 1934 constituíam o antigo grande Município de Blumenau participaram da Força Expedicionária Brasileira que na Itália combateram ao lado dos aliados americanos e ingleses contra os exércitos alemães aí engajados. Graças às informações prestadas pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Secção de Santa Catarina, que envidara o máximo de esforços para abranger todos os antigos componentes da referida Força Expedicionária e que estavam sob a jurisdição dos municípios constituídos do antigo Blumenau, quando partiram para a citada Campanha da Itália, foi possível constituir a seguinte relação:

NOME	DOMICILIO	OBSERVAÇÕES
1. Aleixo Herculano Maba	Blumenau	Faleceu em operações de guerra na Itália, em Abesaia
2. Ademar Pereira	Blumenau	
3. Alci de Sousa	Blumenau	
4. Alex Larsen	Blumenau	
5. Bernardino Perbianca	Blumenau	
6. Artur Bauler	Blumenau	
7. Bernardo Rulenski	Blumenau	
8. Bruno Correia	Blumenau	
9. Frederico Flack	Blumenau	
10. João Estevo	Blumenau	
11. Orlando João Rabelo	Blumenau	Ponta Aguda
12. Oscar Arno Buchen	Blumenau	
13. Otacilio Soares	Blumenau	
14. Atilio Vieira de Arruda	Blumenau	
15. Pedro Erico Parucker	Blumenau	
16. Pedro Niquelati	Blumenau	
17. Rodolfo Rojek	Blumenau	Massaranduba
18. Teodorico Antonio Reis	Blumenau	
19. Vitor dos Santos	Blumenau	Ponta Aguda
20. Adolfo Dorow	Gaspar	Gaspar Alto
21. Alois Pitz	Gaspar	Belchior
22. Artur Martendal	Gaspar	
23. Carlos Bernardi	Gaspar	Ert. Brusque
24. Cristóvão Pedro Schram	Gaspar	Arraial
25. Domingos de Sousa e Silva	Gaspar	Est. Brusque
26. Francisco Fantoni	Gaspar	Barracão
27. Geraldo Cesar	Gaspar	Gasparinho
28. Isidoro Marquetti	Gaspar	Gasparinho. Faleceu
29. Leonardo Martins Gonçalves	Gaspar	Marg. Esquerda. Faleceu
30. Leonço J. Deschamps	Gaspar	Belchior
31. Luis Russi	Gaspar	Barracão
32. Odorico Marquetti	Gaspar	Gasparinho. Faleceu
33. Arlindo Saldanha	Indaial	José Boiteux. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Abesaia
34. Antero Linario Leal	Ibirama	2.º Sargento reformado
35. Hermenegildo Cardoso	Ibirama	Pres. Getulio Vargas
36. Manuel Silva Filho	Ibirama	Rio Dolmann
37. Hercílio Gonçalves	Ibirama	Ilse Grande. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Monte Castelo
38. Alfeu Rodolfo	Rio do Sul	Itati
39. Anibal Bogo	Rio do Sul	Rio do Oeste
40. Balduino Korb	Rio do Sul	Bço. do Oeste
41. Domingos José Albino	Rio do Sul	Trombudo Alto
42. Erico Knappmann	Rio do Sul	Matador
43. Henrique Stofela	Rio do Sul	Rib. das Cobras
44. Jeronimo da Silva	Rio do Sul	Anta Gorda
45. José Hildesheim	Rio do Sul	Cobras Sul
46. Leopoldo Venturini	Rio do Sul	Mosquitinho
47. Mario Nardelli	Rio do Sul	R. do Oeste. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Monte Castelo.
48. Olavio Masson	Rio do Sul	Canoas — D.S.
49. Oscar Schade	Rio do Sul	Morro do Foguete. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Monte Castelo
50. Osvaldo Becher	Rio do Sul	Rib. do Boi
51. Rafael Rogério Buzanello	Rio do Sul	Taió

52. Ricardo Edling	Rio do Sul	Bço. do Trombudo
53. Valdemiro Malischeski	Rio do Sul	S. do Laurent.
54. Waldemiro Oberziner	Rio do Sul	Matador
55. Alfredo de Sousa	Rodeio	Rib. dos Russos
56. Raulino Cuco	Rodeio	Séde
57. Rodolfo Scrull	Rodeio	Rib. das Antas
58. Vitorio Giovannella	Rodeio	Benedito Novo
59. Felicio Tomazini	Timbó	Arrozreira. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Montese.
60. Severino Mengarda	Timbó	Pomeranos. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Montese.
61. Alessio Venturi	Timbó	Pomeranos Altos. Faleceu em operações de guerra na Itália, em Montese. Ibirama
62. José Weinchrich		

Segundo os dados constantes do relato divulgado pelo Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, em seu livro "A F.E.B. pelo seu Comandante", publicado em 1947 em São Paulo, a Fôrça Expedicionária Brasileira contou na Itália com um efetivo máximo de 25.334 homens, dos quais cerca de 15.000 em ação de combate permanente na 1.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria Expedicionária. Esta contava em 30 de Abril de 1945 com um efetivo de 14.822 homens (891 oficiais, 1.975 sub-tenentes e sargentos e 11.956 cabos e soldados). Num total de 23.702 homens daqueles, oriundos de todos os recantos do Brasil, contribuiu Santa Catarina com 956 homens, isto é, com 4%, o que representa um elevado indice em face da contribuição de outros estados brasileiros mais populosos, como os 7% do Rio Grande do Sul, os 2,8% de Pernambuco e os 16% de São Paulo.

O contingente oriundo da região de Blumenau antigo aparece aí, segundo a relação transcrita, com 62 combatentes mobilizados e participantes da Fôrça Expedicionária Brasileira, mas sua contribuição deve ser maior, uma vez que também elementos naturais de Blumenau e dos atuais municípios de Gaspar, Ibirama, Rio do Sul, Indaial, Rodeio e Timbó, mas residentes então noutras localidades devem ter participado das lutas e vitórias obtidas na Itália, de Junho de 1944 a Maio de 1945. Com os seus 8 mortos, um dos quais domiciliado em Blumenau, mas nascido em Itajaí, assinala a antiga região colonial e primitivo grande Município de Blumenau cerca de 13% sobre o referido total de 62 combatentes. Estes mortos tombaram todos em ação, em torno de Monte Castelo e de Montese, juntamente com outros brasileiros combatentes dos 1.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> Regimentos de Infantaria. E ao lado destes, ficou em Montese também o 2.<sup>o</sup> Tenente R/2 Ary Rauhen, nascido em Mafra em 1922, filho de Alfredo Rauhen e Maria Weber, do 11.<sup>o</sup> Regimento de Infantaria, como único oficial catarinense morto em ação.

Desta contribuição do nosso Exército Nacional à obra comum da nossa Marinha de Guerra e da Aviação Militar no desagravo da Pátria e no cumprimento sublime do dever, nasceu a singela mas ponderavel colaboração da mesma Fôrça Expedicionária Brasileira na vitória aliada no teatro de guerra na Itália, após uma campanha que a conduziu do Pão de Açucar, no Rio de Janeiro, ao Vesúvio, em Nápoles, e daí ao Vale do Sarchio e através dos Apeninos e pelas margens do rio Pó, terminando vitoriosamente na cidade italiana de Alessandria. Tais as palavras sinceras e ensusiasmadas do Major Nelson Rodrigues de Carvalho em seu "Relato da Atuação da F.E.B. no Teatro de Operações da Itália", completado pelo já citado livro do Marechal Mascarenhas de Moraes. Seus feitos notáveis foram Monte Prano e Galicano-Barga; o mais emocionante o de Monte Castelo com os contra-ataques de La Serra; os de Soprassano-Casvelnuovo; o mais difficil o da conquista de Montese; o mais espetacular o da rendição italo-alemã em Fornovo, seguida das passagens do rio Pó com meios de fortuna e já em franca perseguição. De volta à Pátria, "extinta a F.E.B.,

seus feitos e vitórias,, nos campos da batalha de ultramar, sobreviverão eternos no coração da nacionalidade, como síntese do valor de nossa gente e símbolo da vocação democrática do povo brasileiro”, nas mais felizes expressões do seu comandante de então, do Marechal Mascarenhas de Moraes.

Nossas baixas em ação foram de 1.577 feridos e 364 mortos (inclusive os 8 oriundos da região de Blumenau), aos quais somados a 60 mortos por acidentes, 9 por doença, 4 por afogamento e 6 por causas diversas, dão um total de 443. A este total somaremos também os 8 oficiais de nossa Força Aérea Brasileira mortos durante as operações na Itália. Deste total de 451 mortos, 21 eram oficiais, sendo 1 natural de Santa Catarina, como já referimos. O Boletim Especial do Exército, publicado pela Secretaria Geral do Ministério da Guerra e datado de 2 de Dezembro de 1946, publicou os nomes destes mortos, inclusive os 8 domiciliados nos atuais municípios oriundos do antigo grande Município de Blumenau:

1. **ALEIXO HERCULANO MABA**, nascido em 1921 em Itajaí, filho de Herculano João Maba e Maria Rosa Maba, residente em Blumenau. Faleceu em ação, em 12 de Setembro de 1944 em Abetaia, junto ao Monte Castelo. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra B, fileira n.º 82.
2. **ARLINDO SALDANHA**, nascido em 1919 em Rodeio, filho de Fortunato Fernandes e Maria Andrade, residente em José Boiteux, Município de Ibirama. Faleceu em ação em 12 de Setembro de 1944 em Abetaia, junto de Monte Castelo. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra B, fileira n.º 8, sepultura n.º 85.
3. **ALESSIO VENTURI**, nascido em 1919 em Rodeio, filho de José Venturi e Tereza Venturi, residente em Vila de Rio Cedro, Timbó. Faleceu em ação, em 15 de Abril de 1945 em Montese. Condecorado com a Medalha de Campanha e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra B, fileira n.º 9, sepultura n.º 108.
4. **FELICIO TOMAZINI**, que consta da relação fornecida pela Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Secção de Santa Catarina, como Epitácio Tomazini, nascido em Timbó, filho de Fermino Tomazini e Emília Tomazini, residente em Arrozeira, Timbó. Faleceu em ação, em 21 de Abril de 1945 em Montese. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra C, fileira n.º 3, sepultura n.º 26.
5. **HERCILIO GONÇALVES**, nascido em 1921 em Ilsen, Município de Indaial, filho de José Gonçalves e Maria Gonçalves, residente em Ilse Grande, Indaial. Faleceu em ação em 29 de Novembro de 1944 em Monte Castelo. Condecorado com a Medalha de campanha e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra B, fileira n.º 5, sepultura n.º 57.
6. **MARIO NARDELLI**, nascido em 1921 em Rio do Sul, filho de José Nardelli e Annabella Nardelli, residente em Barra das Pombas, Vila Rio Oeste, Rio do Sul. Faleceu em ação, em 12 de Dezembro de 1944 em Monte Castelo. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra B, fileira n.º 1, sepultura n.º 5.
7. **OSCAR SCHADE**, nascido em 1921, em Timbó, filho de Alberto Schade e Berta Schade, residente em Timbó. Faleceu em ação, em 12 de Dezembro de 1944 em Monte Castelo. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra A, fileira n.º 11, sepultura n.º 124.
8. **SEVERINO MENGARDA**, constando da relação anexa ao livro do Marechal Mascarenhas de Moraes como Servino Mengarda, nascido em 1923 em Timbó, filho de Maximiliano Mengarda e Vitoria Catani, residente

em Timbó. Faleceu em ação, em 14 de Abril de 1945 em Montese. Condecorado com a Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2.<sup>a</sup> Classe. Acha-se sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, Quadra C, fileira n.º 1, sepultura n.º 8.

Como componentes dos Regimentos de Infantaria já citados, o 1.º e o 11.º, os atuais "Regimento Sampaio" e "Regimento Tiradentes", respectivamente, os pracinhas oriundos da região de Blumenau estiveram presentes em todos os grandes combates da Campanha de Itália e seu sacrifício de Sangue mais precioso coube nas ações em torno de Monte Castelo, inclusive Abetaia, e de Montese. Coube ao atual "Regimento Sampaio" a vitória de Monte Castelo e lá ficaram 5 dos 8 acima citados, sendo que os outros 3 cooperaram com suas vidas para a vitória do "Regimento Tiradentes" na conquista da forte posição de Montese.

Florianópolis, a antiga Desterro, tem desde o curto, mas benéfico e progressista governo do Dr. João Thomé da Silva, de 1873 a 1875, um expressivo monumento a perpetuar a memória dos heróis catarinenses tombados na Guerra do Paraguai. Muitas cidades e vilas brasileiras já têm os seus comemorando os sacrifícios de sangue e de suor dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira oriundos das mesmas. A Municipalidade de Blumenau e seu povo, inclusive os dos antigos distritos desmembrados daquela desde 1934, devem um preito de gratidão igual ou maior a todos estes seus filhos que em 1865 deram a vida pelo torrão em que se radicaram ou em que nasceram, amando-o como parte integrante da grande Pátria comum do Oiapoque ao Chuí, amando-o, não apenas como aqueles que por aí vivem a cantar a palavra Pátria com exterioridades, e sim como aqueles que trabalham, que vivem honestamente, que cumprem os seus deveres e respeitam integralmente suas leis! São estes os que verdadeiramente constróem a liberdade e a grandeza do nosso Brasil!

É de se esperar que esta dívida sagrada para com os seus idealistas sacrificados na cruenta Revolução Federalista, tanto republicanos como federalistas, e estes pracinhas da Força Expedicionária Brasileira da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, estejam perpetuados num monumento que seria a melhor maneira de comemorar o 75.º aniversário do decreto provincial de 4 de Fevereiro de 1880, que iniciou a instalação do primitivo Município de Blumenau!

Atualmente ocupam o Vale do Itajaí cerca de 600.000 dos 2.500.000 habitantes de Santa Catarina, dos quais 450.700 em torno de Blumenau. Estatísticas mais recentes e dignas de toda confiança, relacionadas com os atuais Municípios de Blumenau, Gaspar e Indaial, dão, para cerca 1.000 jovens aí residentes, mais de 50% de saúde perfeita, 40% de compleição forte e somente 10% fraca, 35% de estatura alta e 10% baixa, 25% de inteligência bem desenvolvida e 30% medianamente, 25% de preparo intelectual básico acima do regular e 25% com preparo profissional básico definido. Desta região demográfica notável, a de Blumenau, têm sido retirados contingentes selecionados para unidades de elite do Exército Nacional estacionadas no Rio de Janeiro e em Brasília, no que estes descendentes dos primitivos colonos tem lucrado excepcionalmente, não só quanto à mais perfeita radicação entre nós, como no conhecimento mais adequado do potencial humano representado naquelas cidades que são uma a grande metrópole e outra a capital brasileira, fazendo com que mais admirem e amem este grande e futuroso país, a nossa Pátria comum!

## APÊNDICE

No propósito de colaborar com brilhante autor do trabalho que acabamos de ler, "**Blumenau em Cadernos**" dá à publicidade a seguinte relação, há pouco encontrada e da qual constam as origens de cada um dos "Voluntários da Pátria", do Contingente de Alemães que seguiram para o Paraguai, solucionando algumas dúvidas expostas pelo Tte. Coronel Wiederspahn, no decorrer do seu erudito estudo.

Além dos mortos assinalados na relação, ali anotados posteriormente à data da mesma, conhecem-se atestados de óbito de mais os seguintes:

Gottlieb Marz, a 13 de abril de 1867.

Frederico August Mercur, a 16 de abril de 1867.

João Wendt, a 21 de abril de 1867.

Eis a relação:

### RELAÇÃO DAS PRAÇAS DO CONTINGENTE DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA ALEMÃES QUE TÊM DIREITO ÀS VANTAGENS ESTABELECIDAS PELO DECRETO N.º 3.971, de 7 de Janeiro de 1865.

N.º	NOMES	RESIDÊNCIA	Adiantamentos recebidos para serem restituídos pela quinta parte do Sólido	OBSERVAÇÕES
1	Günther Frank	Blumenau	45\$000	
2	Jacó Riedenger	"	32\$000	
3	Otto Lobedan	"	40\$000	
4	Guilherme Gross	"	25\$000	
5	Francisco Ewald	"	25\$000	
6	Luiz Hoffmann	"	37\$000	
7	Hermann Ekelberg	"	24\$000	
8	Henrique Riegel	"	38\$000	
9	Conrado Riegel	"	38\$000	
10	Fernando Schumacher	"	37\$000	
11	Christiano Müller	"	30\$000	
12	Henrique Lukas	"	32\$000	
13	Miguel Riegel	"	36\$000	
14	Wendlin Kraemer	"	30\$000	
15	Ernesto Rieger	"	31\$000	
16	Carlos Siebert	"	31\$000	† 17/8/1866 (hosp)
17	Rudolpho Wagner	"	35\$000	
18	Jacó Jasper	"	29\$000	
19	Carlos Bauke	"	27\$000	
20	Christiano Lukas	"	31\$000	† 22/4/1867 (hosp)
21	Oskar Kluge	"	43\$000	† 10/4/1867 ( " )
22	Christiano Krüger	"	35\$000	† 7/4/1867 ( " )
23	Augusto Paevsch	"	25\$000	† 8/2/1867 ( " )

24	Guilherme Peters	Blumenau	26\$000	
25	Nicolao Henchen	"	32\$000	
26	Gustav Bosse	"	34\$000	† 7/6/1866 (hosp)
27	Luiz Helmbrecht	"	33\$000	† 11/4/1867 ( " )
28	Carlos Jansen	"	32\$000	
29	Henrique Engel	"	29\$000	
30	Francisco Fischer	"	31\$000	
31	Paulo Stahl	"	29\$000	
32	Christiano Witthoef	"	34\$000	
33	Jacó Weissensee	"	25\$000	
34	Hermann Kùchendahl	"	11\$000	
35	Guilherme Vogel	"	30\$000	
36	Frederico Riemer	"	31\$000	
37	Eduardo Kùchy	"	26\$000	
38	Hermann Willerding	"	37\$000	
39	Jacó Fischer	"	28\$000	
40	Hermann Geyer	"	29\$000	
41	Carlos Luchtenberg	"	29\$000	
42	Carlos Hinze	"	28\$000	
43	Francisco Röhmer	"	33\$000	
44	Eugênio Kunz	"	32\$000	
45	Alberto Marx	"	25\$000	
46	Augusto Thomas	"	39\$000	
47	Ernesto Scheffer	"	31\$000	
48	Carlos Seiberlich	"	25\$000	
49	Gottlieb Gneewisch	"	30\$000	
50	Frederico Behr	"	30\$000	
51	Julio Hartmann	"	30\$000	† 22/2/1867
52	Guilherme Harfenstein	"	25\$000	
53	Carlos Kressin	"	25\$000	
54	Leopoldo Zimmermann	"	3\$000	
55	Henrique Brüning	"		
56	Bernardo Voges	"		
57	Christiano Kupans	"		† 23/1/1867 (hosp)
58	Guilherme Schulz	"		
59	Jaco Bernard	"		
60	Jacó Wendt	"		† (hosp)
61	Pedro Nau	"		† 6/12/1866 (hosp)
62	Hermann Brettschneider	Blumenau		
63	Adolpho Harms	Blumenau		
64	Luiz Weissbach	"		
65	Roberto Schmidt II	"		
66	Hugo Praun	"		
67	Pedro Gorries	Col. S. Pedro Alcântara		
68	Waldemar de Zeschau	Blumenau	10\$000	
69	Curt de Zeschau	"		
70	Luiz de Zeschau	"		
71	Luiz Schönhauer	"		
72	Carlos Geyer	"	10\$000	
73	João Oltmann	"	15\$000	
74	Simon Kreis	"	10\$000	
75	Henrique Hansen	"	5\$000	
76	Gotlieb Zeschke	"		
77	Guilherme Fischer	"	15\$000	† 11/6/1866
78	Augusto Peters	Col. Brusque	15\$000	
79	Eduardo Becker	"	15\$000	
80	José Schork	"	15\$000	
81	Augusto Ganzer	"	15\$000	
82	Ricardo Vollrad	"	15\$000	† 4/11/1866
83	Antonio Denkelborg	"	15\$000	
84	Hermann Blockenkemper	"	15\$000	† 16/4/1867 (hosp)

85	Cosmo Kögel	Col. Brusque	15\$000	
86	Valentin Schaefer	"	15\$000	
87	Roberto Schmidt I	"	15\$000	
88	Jacó Schwamberger	"	15\$000	
89	Emillo Buhmann	"	15\$000	
90	João José Hermes	"	15\$000	
91	Frederico Moritz	"	15\$000	
92	José Ochlhaven	"	15\$000	† 19/1/1867
93	Simon Habitreuther	"	15\$000	
94	Eduardo Bachmann	"	15\$000	
95	Vicente Jonitz	"		
96	Jos Schlindwein	"	15\$000	
97	Jacó Zabel	"	15\$000	† 9/11/1867
98	Guilherme Oestringer	"	15\$000	
99	Jorge Grün	"	15\$000	
100	Antonio Day	"	15\$000	
101	Carlos Eisendecker	Col. Da. Fran- cisca		† Doerfel
102	Adolpho v. der Osten	"		
103	Carlos de Reibnitz	"		†
104	Frederico Knappe	"		
105	David Gentner	"		
106	Christiano Meyer	"		†
107	Franz Stern	"		
108	Emilo Genzly	"		
109	Augusto Graeve	"		
110	Jacó Mayeros	"		
111	Hermann Blum	"		
112	Hermann Uetzfeld	"		
113	Jacó van Vessen	"		
114	Adolpho Baurath	"		
115	Luiz Richter	"		† 6/6/1867
116	Eduardo Seiler	"		
117	Guilherme Neuscheffer	"		
118	Gorge Ziegler	"		
119	Jacó Wenz	"		†
120	João Tesch	"		
			2:039\$000	

**Victor de Gilsa**

Cap. Comandante do Contingente  
de Voluntários alemães.

**Emilio Odebrecht** — Tenente

**Guido Seckendorf** — Tenente

Reconheço verdadeiras as firmas supra e dou fé.

Destêrro, 24 de novembro de 1865

(sinal público)

**O Tab. Leonardo Jorge**

## FEDERALISTAS EM BLUMENAU



O grupo acima é de componentes da tropa de federalistas que passou por Blumenau em 1893. No centro os coronéis Costa e Norberto.

---

## VOLUNTÁRIOS BLUMENAUENSES



Primeiros voluntários de manobras do 55.º B.C., acantonado em Blumenau em 1908. Todo o grupo era composto de 27 jovens das melhores famílias.

ano, para melhor observar as posições paraguaias do vasto sistema defensivo inimigo ante Rojas, Curupaití e Humaitá. Teria sofrido as consequências de nova epidemia de cólera-morbus, irradiada de Itapirú a todos os recantos do exército e da esquadra.

Seguem-se o forçamento da passagem de Curupaití pela esquadra no rio Paraguai e o novo fracasso de Lopez na 2.<sup>a</sup> Batalha de Tuiuti, em 3 de Novembro de 1867. Pouco depois Mitre deixava definitivamente o comando-em-chefe aliado, entregando-o a Caxias e retirando-se para Buenos Aires, enquanto navios brasileiros conseguiram forçar também a passagem em Humaitá e subir pelo rio Paraguai até Assunción, a capital inimiga. Segue-se, como consequência da marcha de flanco de Tuii-Guê, uma série de vitórias que começam com a conquista das posições paraguaias de Rojas, ao Norte de Tuiuti, a ocupação sem combate de Curupaití e a recapitulação dos derradeiros defensores de Humaitá em 5 de Agosto de 1868. Avançando daí os aliados para o Norte, ao longo do rio Paraguai, após efetivada a primeira parte do plano de operações elaborado, alcançam as posições fortificadas de Pikisiri ao Sul de Assunción.

O periodo seguinte, a Dezembro de 1868, constituiu a obra-prima estratégica de Caxias com sua marcha através do Chaco, sobre uma estrada construída entre 25 de Outubro e 15 de Novembro, com uma rapidez inaudita. Aí se destacaram velhos comandados do Capitão von Gilsa de 1851 e 1852 com sua artilharia. Com novo auxílio da esquadra imperial, desembarca o exército brasileiro em Santo Antônio e inicia por aí o envolvimento das posições inimigas, que são dominadas após duros combates, no Itororó em 6 de Dezembro, na batalha de aniquilamento de Avaí em 11 de Dezembro, e na grande e decisiva batalha de Lomas Valentinas entre 21 e 27 de Dezembro de 1868, na qual desapareceu totalmente o que restava do destemido exército paraguaio de 1865. De maneira precária conseguiu Lopez fugir ao aprisionamento aí e foi reconstituir seu exército além de Assunción, ocupada em 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1869 por destacamento brasileiro comandado pelo então Tenente-Coronel Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892), o futuro Generalissimo e Proclamador da República brasileira. As operações que se seguiram tiveram menor vulto e foram concluídas sob o comando-em-chefe do Conde d'Eu, genro do Imperador e casado com a Princesa Isabel, herdeira da corôa imperial brasileira, não sem combates sangrentos como o de Peribeubí, em 12 de Agosto de 1869, e a Batalha de Campo Grande, em 16 do mesmo mês e ano. Após uma perseguição tenaz e vigorosa, pôde, finalmente, ser alcançado Lopez e seus derradeiros e bravos companheiros no Cerro-Corá, às margens do Aquidaban, onde se negou render-se e morreu combatendo, em 1.<sup>o</sup> de Março de 1870.

"A 1.<sup>o</sup> de Março, em Aquidaban, sob as ruínas da sua pátria como previra, caiu lanceado e morreu o bravo Solano Lopez que tanto mal causou a tóda a América e especialmente ao seu próprio país, pela circunstância mesmo de ser um valente, governando a valentes, e tendo integrado o seu povo nos seus propósitos. O orgulho o cegou. Provocada a irritação do orgulho dos outros, ficou só e sózinho bateu-se o Paraguai, até morrer o seu ditador, depois de 5 anos de luta tenaz".

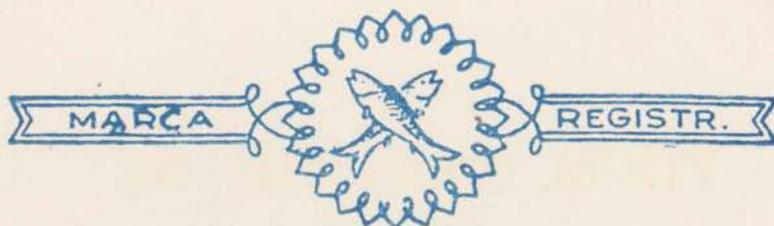
Assim inicia o historiador Davi Carneiro a parte de seu livro "O Parana na Guerra do Paraguai", editado em 1940 pela Biblioteca Militar, no Rio de Janeiro, referente à paz e aos festejos de volta, da volta dos pouquíssimos daqueles que foram e que fizeram tóda a guerra até ao fim, dos pouquíssimos que voltaram com vida à Província natal". Quando voltaram da guerra, os corpos de voluntários traziam os números 17.o, 23.o, 26.o, 27.o, 30.o, 33.o, 35.o, 36.o, 37.o, 39.o, 40.o, 41.o, 42.o, 44.o, 46.o, 50.o, 53.o e 54.o, e se foram dissolvendo pelas Províncias de todo o Brasil. Os que chegaram a Curitiba tinham em sua grande maioria, no chapéu quebrado à frente, e prêsso pela estrêla, os números 25.o, 26.o, 27.o, 31.o e 35.o, embora nem o 25.o, nem o 31.o, existissem mais, no fim da guerra".

Sobre o regresso dos antigos companheiros e comandados de 1851 e 1852 do Capitão von Gilsa deixou-nos o historiador e genealogista Coronel Aurelio Pôrto em seu "O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul", publicado em 1934 em Pôrto Alegre, o seguinte relato:

"Em 6 de Junho de 1870 uma bandeira esfrangalhada pela metralha, desbotada pelos sóis e ainda salpicada de sangue, era recolhida à Cathedral de

# INDÚSTRIT TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL  
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2  
TELEGR.: "TRICOT"



## Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA

FÁBRICA DE ARTEFATOS TÊXTEIS

ARTEX S.A.

FIAÇÃO E TECELAGEM

Rua Progresso, 150 — Fone 1.008.  
Caixa Postal, 10.

**Fábrica especializada em:**

- TECIDOS FELPUDOS
- TOALHAS DE ROSTO
- PISOS PARA BANHEIROS
- TOALHAS DE BANHO
- ROUPÕES DE BANHO, etc.

B L U M E N A U

S a n t a C a t a r i n a